C. ZAWISCH

Livre Docente de Histologia na Universidade de Viena.

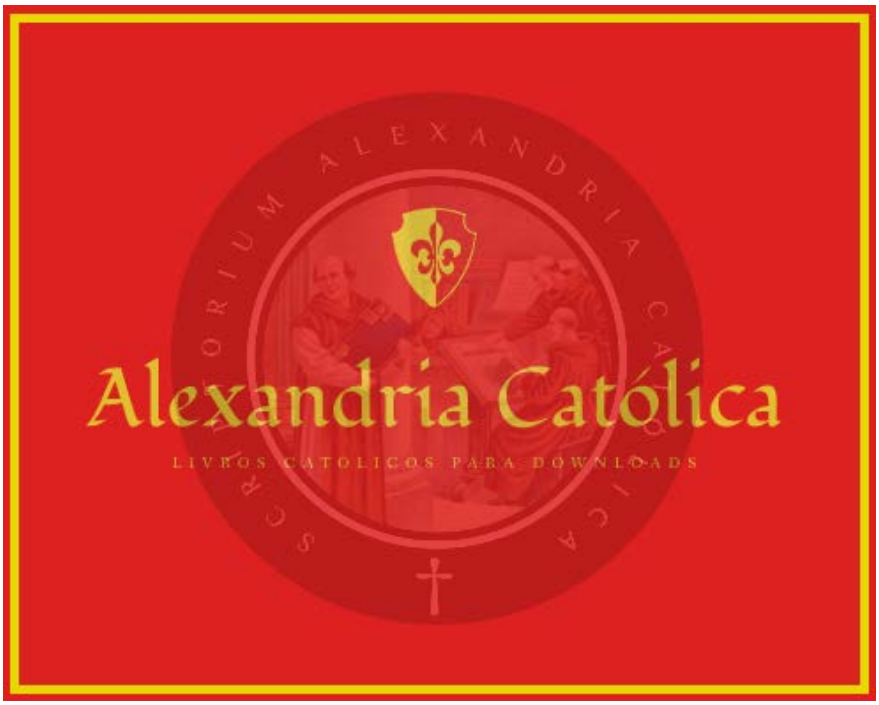
O Médico Católico

Com um Prefácio de

FR. AGOSTINHO GEMELLI, O. F. M.

Reitor da Universidade Católica de Milão e Presidente da Academia Pontifícia de Ciências.

★



1945

EDITÔRA VOZES LIMITADA

Petrópolis, R. J.

Rio de Janeiro São Paulo

Nihil obstat. — Petropoli, die 8 novembris 1914.
Fr. Fridericus Vier O. F. M. Censor.

Imprima-se. — Por comissão especial do Exmo. e Revmo.
Sr. Bispo de Niterói D. José Pereira Alves.
Petrópolis, 10 de novembro de 1944.

Frei Ático Eyng O. F. M.

Todos os direitos reservados.

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

PREFÁCIO

de Fr. Agostinho Gemelli, O. F. M.

É a presente obra da autoria de uma livre docente da Universidade de Viena que, além das horas consagradas às suas ocupações ordinárias, não poucas consagrou ao apostolado entre os médicos — quer entre os médicos em formação que lhe frequentavam as aulas universitárias, quer entre os colegas já adiantados em anos, que exerciam a profissão. Do contato com uns e com outros soube tirar a docente Zawisch uma experiência que não tem nada de comum. Não poucas vezes com ela discorri em palestras repetidas sobre o momentoso assunto da formação do médico e sobre a profissão médica sob o ponto de vista de missão de caridade. E verifiquei que conseguira a docente Zawisch assaz profundo conhecimento do assunto. E tão profundo que me pus a animá-la a explanar num livro o fruto de suas reflexões. Com íntima satisfação o apresento hoje aos colegas, especialmente aos mais moços. Encontrarão estes na leitura de suas páginas o precioso ensinamento do que é necessário saber um jovem médico para ser um médico cristão, e o que deve fazer um médico cristão para desempenhar a sua missão.

É aos jovens que se dirige a doutora Zawisch — aos jovens que representam o futuro da classe médica — em nome da geração dos médicos que os precedem nos anos e que conhecem o significado desta coisa que é ser médico, e ser médico cristão. Dirige-se aos jovens porque, consciente ou inconsciente, descobre na juventude de hoje, vivo e palpitante, o desejo de Deus, e também porque vem verificando que os jovens do nosso tempo revelam, a quantos deles se acercam, a viva necessidade de uma formação espiritual mais profunda.

Bem poderá alguém, talvez, fazer-nos ao livro a acusação de ser demasiadamente um livro de piedade, e escassamente um livro técnico. A resposta é fácil. O que levou a docente Zawisch a escrever estas páginas, foi a convicção de que a formação de um médico que vise não já formalismos religiosos, mas a consecução de uma plenitude de vida de batizado em Cristo, qual a que é necessária para o exercício da medicina considerada como uma missão, é uma das muitas e urgentes necessidades da época em que vivemos, que já vem aguentando com o peso de toda essa dolorosa herança antirreligiosa e anti-espiritual da geração dos médicos que nos precederam. Nós os velhos, todos quantos temos dois olhos abertos o para ver tanto o mal como o bem da época que nos fez Deus nascer, somos os que melhor que ninguém podemos avaliar que formidável peso seja este. Por isto é que levanta a sua voz a autora deste livro em nome da velha geração de médicos, num brado de alarme que é de esperar encontre eco nos colegas mais moços e que não chegue demasiadamente tarde aos ouvidos das novas gerações. Este brado que dirige a seus jovens colegas e que coloca no frontispício do seu livro, dedicando-o a Cristo, Rei dos séculos, é um apelo que não poderá deixar de ser bem acolhido por quem quer que seja chamado, pela sua mesma profissão, a viver com os que sofrem e que, por isso, são os privilegiados de Deus.

Fr. *AGOSTINHO GEMELLI, O. F. M.*

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CAPÍTULO I

A PERSONALIDADE

1) Personalidade e vocação.

Muito se fala hoje em dia de personalidade. Com esta expressão entende-se geralmente dizer o que é um indivíduo ou o que deveria ser, ou, ainda, o que pretende ser no conjunto quer de sua profissão quer de sua vida inteira.

O que, de modo frisante, exprime a mesma personalidade ou, ainda, ausência de personalidade é precisamente a maneira com que o indivíduo harmoniza o seu caráter com a sua profissão.

O indivíduo que consegue ser aquilo mesmo que deseja ser é uma personalidade, ou, melhor ainda, é. um caráter. É esta, entretanto, uma definição que não abrange o valor moral. Um homem de indústria ou um delinquente podem ser uma definida pessoa de caráter. E, de fato, não só a multidão ávida de sensação o reconhece, mas também aqueles que, ou seja por princípios morais ou por profissão, estão em condições de julgar com toda a seriedade as próprias ações.

É moral um caráter quando se dirige à consecução de valores morais. Onde vocação, tendência e vontades miram sem discrepância um escopo de alto valor moral, aí teremos uma personalidade, um homem de verdadeiro valor, pouco importando o ambiente espiritual ou social em que vive. Podem ser, nos respectivos ambientes personalidades de valor tanto o lavrador que trabalha o seu campo ou o sapateiro que cose com profissional desenvoltura as suas bolas, como o filósofo e o professor de universidade.

O fim que pretende cada qual atingir em sua vida pode ser moralmente indiferente, ou de moralidade meramente natural. Mas o cristão batizado, que conhece a Deus Nosso Senhor, não pode satisfazer-se unicamente com isto.

Quem muito recebeu, tem também maiores obrigações. E para nós, cristãos, decorre dos mesmos conhecimentos que possuímos a obrigação, ou melhor, a natural conclusão que todas as nossas ações devem ser elevadas ao plano sobrenatural, de forma a revestirem um verdadeiro valor moral.

Mas isto não basta. Pelo batismo nós nos tornamos filhos de Deus, ou, por outra, recebemos a graça santificante que nos faz participes da natureza divina (2 Ped 1, 7). Foi este o fim que Deus teve em mira criando-nos, como ensina es pequenino livro que é o catecismo que as crianças aprendem: “Criou-nos Deus para Conhecê-lo, Amá-lo e Servi-lo nesta vida, e Gozá-lo para sempre na outra”.

É um fim que está acima de todo e qualquer outro fim, que é único e eterno como o mesmo Deus. É para este fim supremo e eterno que se devem orientar todos os outros fins do batizado, pois, de outra forma, nenhum valor sobrenatural teriam. Ora bem, uma vez orientado para Deus o fim de uma vida, uma vez assim plenamente valorizado, faz-se mister prosseguir na sua consecução com todos os auxílios que proporcionam a graça, os talentos naturais e a vontade. A formação de uma personalidade própria é para o batizado um dever.

Com o batismo recebemos o primeiro chamado para esse alto fim, mas ainda o mesmo caminho que a ele nos conduz, isto é, a nossa vida sobre a terra, nos é preparada pela Providência Divina. É este o mistério da vocação individual a que devemos

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

necessariamente corresponder, se não nos queremos expor ao perigo de falsificarmos a nossa personalidade e de nos furtarmos ao principal fim de nossa vida. Segue-se daqui o dever que nos assiste de conhecer a nossa vocação; mas é erro pensar que tal conhecimento seja difícil ou complicado. Temos, aqui como em tudo o mais meios simples e naturais para conhecer a vocação. Em muitos casos nem são necessárias muitas reflexões nem escolhas muito difíceis, pois a mesma condição de vida e os mesmos dotes naturais mostram o caminho. Ao cristão nada mais resta, neste caso, que reconhecer em tudo isso a vontade de Deus. Bastará, em outros casos, que se busque o fim principal e se manifestará, depois, o plano particular que Deus estabeleceu com relação às nossas qualidades naturais, aos nossos desejos (os quais, numa vida em que estão bem ordenados afetos e inclinações, podem também ser reconhecidos como sinais diretivos vindos de Deus) o plano correspondente às nossas possibilidades, correspondente, numa palavra, à nossa natureza e à vontade de Deus. No caso de um cristão ser chamado a uma vida de renúncias superiores às renúncias comuns a todos os homens, a coisa já é diferente; é preciso que diante de Deus ele pondere cuidadosamente a sua vocação.

Não basta, neste caso, o exame atento dos dotes naturais e das faculdades espirituais que se requerem para tal estado de vida; são indispensáveis retiro e oração para que se conheça claramente se verdadeiramente se trata de vocação, ou se existem outros fins naturais, como, por exemplo, o desejo de sistematizar a própria vida ou de guindar-se a um nível social mais elevado. Neste caso, mais que em qualquer outro, é necessário sério e profundo exame, em que concorram todos os meios naturais e sobrenaturais. E penso que me não engano, afirmando que a luz brilhará a todos quantos, reta e sinceramente, a buscarem em Deus.

Assume-se com o conhecimento da vocação individual aquela obrigação de que já falamos, a saber, a formação da personalidade, que então, somente, terá valor, quando todos os dotes do homem estiverem a seu serviço. Falha será a personalidade, não importa em que espécie de vocação, se um só desses dotes lhe vier a faltar; na verdade, tanta diminuição sofre o sapateiro esquecido como o professor que igualmente o fosse.

O que, porém, para nós cristãos, tem de particular toda vocação é o grau de responsabilidade diante de Deus. Muito diversa é a responsabilidade do sapateiro que por esquecimento desgosta os clientes, e que assim perde o lucro que a própria manutenção e a da família exigem, e a responsabilidade de um professor, de um médico, de um sacerdote, que lida com almas e vidas. É por isso que afirmamos que tanto maiores proporções assume a responsabilidade perante Deus quanto mais nobre for a vocação; e que na mesma proporção cresce a rigorosa obrigação de sempre mais aperfeiçoar as disposições e as qualidades naturais. Antes de mais nada se faz mister, então, uma vontade inflexível que, visando sempre o fim a que Deus nos destina, sempre se mantém imóvel, firme como o timão em hábeis e vigorosas mãos. Descobrir-se-ão assim, sem dúvida, os meios e os caminhos pelos quais desenvolver e aperfeiçoar sempre melhor as qualidades naturais. Não há força nenhuma externa que possa substituir a vontade forte e consciente que chamamos autoformarão e autoeducação. É esta autoeducação a mais importante obrigação nossa para com Deus no que diz respeito à formação de nossa personalidade, e em uma só palavra encerra tudo aquilo que o cristão deve ser para seguir a advertência de Jesus Cristo: "*Sede perfeitos como o vosso Pai celestial é perfeito*". A autoeducação à perfeição cristã, ou melhor, digamo-lo com coragem, à santidade, é inconcebível se se prescinde da vocação individual que Deus marca a cada um; na vocação própria de cada um é que se consegue a perfeição.

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

2) Cristo e nós.

É dever de todo cristão formar um caráter, uma personalidade; podemo-lo deduzir do que viemos considerando nas páginas que precedem.

Refloresce notavelmente nos nossos tempos, de modo geral, o pensamento cristocêntrico, que as práticas exteriores haviam algo prejudicado (falamos apenas dos últimos decênios do século transato) assim como essa árida apologética do curso secundário. É merecimento dos Papas, de Pio X a esta parte, o terem reconduzido os católicos à plena e viva adoração do primitivo Deus do cristianismo: "*Por Cristo, com Ele e Nele*". De fato, mais claramente se nos descobre aos olhos a profundíssima realidade do Corpo místico de Cristo — esse todo misterioso de que nós, os batizados, somos parte viva: membros de um mesmo corpo, pedras de um mesmo edifício, cachos de uma vinha em flor. Tem cada membro deste corpo um fim particular que conseguir, deve cada pedrinha ocupar o lugar que lhe é próprio e cada ramo produzir flores e frutos no lugar que lhe é assinalado. Cada membro é irrigado pela vida da Divina Cabeça, repousa cada pedra sobre a *lapis summus angularis,* e cada ramo recebe da Divina Videira o suco vital. O ritmo da obra redentora, já em plena e atual atividade, não é coisa que passe com o tempo, mas é estável e presente e, como obra de eternidade que é, é um contínuo vir-a-ser, é um continuo progredir em todos os membros do corpo místico e dentro do microcosmo de cada alma. E nascendo na alma a vida divina com a participação da vida da Divina Videira, fica a mesma alma não só capaz mas ainda obrigada a aperfeiçoar em si essa vida divina até a sua plenitude, se é que deseja ser membro vivo desse mesmo corpo; por outras palavras, deve o cristão tender à perfeição de um *alter Christus.* Isto é o que importa, e a este fim todos devem tender: que todo e qualquer batizado, como membro que é do seu corpo místico, complete em si a Cristo, pouco importando a sua condição neste mundo, humilde ou elevada e pouco importando a sua vocação individual. A cândida chama da luz divina no Filho de Deus feito homem, em mil cores se divide e sob mil formas se manifesta; todo cristão é uma centelha de luz, e esta luz é divina: "por Ele, com Ele, e Nele".

Compreendamos, portanto, a nossa obrigação: complete o Cristo em si cada qual no seu posto, na sua cadeira, na sua vocação; forme um Cristo em si, torne-se um "*outro Cristo*". Como todas as cores estão na luz, assim toda e qualquer vocação deve estar contida na nossa Divina Cabeça. Em Cristo deve ser modelada toda e qualquer vocação, assim como toda existência Nele e por Ele deve ter a sua finalidade. Temos a este propósito uma palavra por Ele pronunciada, de profunda e grave significação: "*Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida*".

São verdades estas que tanto maior relevo ganham a nossos olhos quanto mais intensamente revivemos a sua primitiva expressão no exercício do culto divino. Arrastados no ritmo da liturgia, que culmina com a renovação da obra redentora na Santa Missa, não ficamos nós, os leigos, relegados a um canto da igreja, ocupados com as nossas devoções particulares, mas somos encorajados a participar da mesma solenidade, ofertas e preces da Igreja. Mormente pela unidade entre sacerdotes e fiéis forma de fato o povo cristão uma comunidade, um corpo místico, cujas mãos oferecem, abençoam e trazem a Deus, representadas pelas mãos do Sacerdote consagrante e consagrado.

Não é certa, — ainda que expressão de um desenvolvimento orgânico, — a asserção de que, mesmo no campo da ascética, tenham algumas opiniões sofrido modificação. Entendemos por ascética o conjunto de esforços que cada um faz para formar, completar em si o Cristo, ou por outra, para atingir a perfeição cristã; é portanto claro que este

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

ascetismo essencialmente deve permanecer sempre o mesmo, em todos os tempos, desde o momento em que Cristo disse aos seus primeiros discípulos "*segui-me*" até à consumação dos séculos. Entretanto, é certo que todo esforço que visa atingir um fim, deve ser empregado metodicamente. E os métodos da ascética individual terão necessariamente modalidades diferentes, como diferentes são entre si os substratos espirituais dos indivíduos. Os mesmos métodos terão, por sua vez, diversa aplicação, correspondente às diversas épocas em que são aplicados e ao influxo que exercem sobre o espírito humano. Por outras palavras, correntes particulares sempre terão de haver em todos os tempos que sejam, naturalmente, preferidas pela maioria dos cristãos que tendem à perfeição.

Lancemos, pois, um rápido olhar aos métodos de perfeição. Consistem uns em dirigir o próprio esforço à aquisição das diversas virtudes, principalmente daquelas que diametralmente se opõem aos defeitos do próprio caráter; assim, por exemplo, para imitar a mansidão e paciência de Cristo dirigem os temperamentos fortes e prontos à ira, todos os seus esforços no sentido da aquisição das virtudes da mansidão e da paciência.

Há neste método, permita-se-me a expressão, algo de frio, de matemático... E bem pode ser que com o correr dos anos consiga alguém o resultado de um maior controle de si mesmo, uma completa vitória sobre a natureza em algum ponto, mas que se não tenha tornado nem mais obediente nem mais sujeito às suas obrigações, devendo de novo recomeçar, desde o princípio, para adquirir as virtudes que lhe faltam.

Muda de aspecto, entretanto, a questão, quando todos esses esforços se dirigem a um único motivo definido, na imitação do Cristo total. São as virtudes como os anéis de uma cadeia: a posse de um só nos dá a de toda a cadeia, sendo indiferente que seja este ou aquele o primeiro anel possuído. Quem, por exemplo, seguindo a própria inclinação, considerar no Filho único do Eterno Padre, em primeiro lugar, a obediência, e desta virtude fizer o móvel de toda a vida, logo verá que sem humildade não existe obediência, sendo a humildade a base de todas as outras virtudes: mansidão, amor do próximo, etc., e que mesmo as virtudes cardiais, prudência, justiça, fortaleza, temperança, somente no equilíbrio de todas as outras virtudes é que profundamente lançarão as suas raízes.

Base destes esforços é uma certa unidade de conceito que tem por consequência direta a conclusão de que todo esforço na aquisição da virtude tem por motivo principal o amor de Deus, segundo a sentença de S. Agostinho: *ama, et fac quod vis.*

Duas diversas direções parece-me distinguem-se em nossos tempos: necessidade de unidade e antipatia por abstrações demasiadas. Passe sem discussão, aqui, até que ponto, psicologicamente, se funda esta corrente nas atuais condições da nossa vida. O fato é que já se nota a sua influência sobre as opiniões doutrinárias da ascética, como já observamos nessa aspiração para a perfeição dos católicos de nosso tempo, fato que tomou um especial caráter de atualidade.

E não é certamente para usar palavras de uso moderno (que são de mais fresca invenção que as que empregamos acima ao falar das correntes ou métodos de perfeição) que nós hoje na imagem de Cristo procuramos sempre mais unidade de caráter e somos levados a reproduzi-la em nós como um ideal que pode ser seguido por cada um em sua própria vocação. Abraça o nosso pensamento, com renovada clarividência, a verdade da nossa viva participação no *Corpus Christi mysticum*, e por isto, com maior facilidade ainda, sabemos considerar toda vocação e todo estado de vida como parte da divina missão por Ele renovada em cada criatura particular.

Dissemos *vocação* e *estado de vida* como duas coisas distintas, e há um motivo para

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

assim o considerarmos, ainda que, expressamente o notamos, não possam estar divididos no indivíduo e nas suas aspirações. Se por estado de vida entendemos a aplicação às atividades exteriores, por vocação entendemos a determinação de Deus na direção do caminho a seguir e do fim da alma.

Em casos particulares, qual o da vocação religiosa, sobrepõem-se os dois conceitos. Nos outros casos é a vocação interna, correspondente à estrutura espiritual do indivíduo, a primeira via sobre que se levanta o neutral *estado de vida,* na plenitude do ideal, buscado e conseguido em Cristo: se houvesse, aí, oposição entre vocação e estado, não seria possível a formação da personalidade no sentido já explicado. Não é da minha incumbência ocupar-me aqui do caminho interior de cada indivíduo; saiba, porém, cada indivíduo, que deve, com a sua própria atividade, cultivar a vocação interna na forma original que lhe é própria, como mais adiante diremos. Vocação, e estado devem compenetrar-se como água e vinho; e se, como já notamos, são, na vida religiosa, como uma mesma coisa, devem em outro estado de vida — por exemplo, o de empregado — ser penetrados necessariamente e completados pela vocação interior; outros estados de vida ainda há que não podem ser abraçados sem que o impulso interno revista especiais caracteres aptos a tornar o indivíduo capaz de atingir o ideal no sentido determinado. Entre estes últimos, em primeira linha, reconhecemos o nosso: a profissão de médico. No capítulo sobre a escolha do estado falaremos da necessidade da vocação; mas antes disso tracemos a personalidade do médico no sentido cristão e católico. Queremos e devemos persuadir-nos de que um médico de valor é somente aquele que, vendo em Cristo o ideal a atingir, aperfeiçoa a própria personalidade Nele e por Ele".

3) Jesus Salvador e Médico.

A personalidade do médico é das mais fáceis de se encontrar em Cristo, como para logo se patenteia a quem lê com alguma atenção o Evangelho. De certo que não foi sem motivo que um dos evangelistas — Lucas — tivesse sido médico, e que o seu espírito de observação e a sua cuidadosa e amorável descrição fizesse ressaltar ao vivo, quase em cada página, o Cristo como Salvador e Médico. Vemos na leitura do Evangelho que a cura dos enfermos é, muitas vezes, quase parte integrante da missão de Jesus Salvador e também, a seguir, parte da vocação apostólica à pregação evangélica.

Como Mestre e ao mesmo tempo como Médico dos enfermos é que o Redentor nos é apresentado no conjunto da narração evangélica e este dúplice caráter é confirmado claramente por suas mesmas palavras. Lemos, por exemplo, em S. Lucas — cifrando-nos apenas a este episódio — que enviando S. João Batista os seus discípulos a Jesus com a pergunta: "*Sois o que há de vir ou devemos esperar por outro*", Jesus lhes respondeu: "*Ide e dizei a João Batista o que ouvistes e vistes: os cegos veem, caminham os coxos, são limpos os leprosos, ouvem os surdos, ressuscitam os mortos e aos pobres é anunciada a Boa Nova*". (Luc. 7, 20-23).

E naquele tópico evangélico em que se descreve como Jesus envia os seus discípulos a pregar, lemos: "*Deu-lhes poder sobre os demônios, e poder de curar as enfermidades, e os mandou pregar o Reino de Deus e curar os enfermos*." (Luc 9, 1, 2 — a confrontar: Mat. 10, 1; Marc. 3, 15). Lemos, igualmente, no lugar em que se fala missão dos discípulos: "*Curai os enfermos... e anunciai: está próximo o Reino de Deus* . (Luc. 10,9). Sabemos que as curas realizadas por Jesus Cristo (e também pelos seus discípulos) eram de natureza miraculosa e deviam atestar junto aos homens de "pouca fé" a sua origem divina e a sua divina missão. Observemos, entretanto, que embora dispusesse Ele da

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

divina Onipotência e tivesse como objeto a criação inteira, contudo os seus milagres são, em sua maioria, curas de enfermidades, e isto não pode deixar de ter a sua significação particular. Se de mais perto examinamos a coisa, veremos que mesmo os outros milagres tinham por fim ajudar os homens e livrá-los de suas necessidades materiais (ressurreição de mortos, expulsão de demônios, multiplicação de pães, tempestade serenada, etc.). Onde encontrar a chave do mistério?

É fora de dúvida que quem livra os seus semelhantes de males físicos lhes causa impressão mais profunda; esses milagres do Salvador eram por isso mais aptos para atrair adeptos e persuadi-los. Mas ainda não é este o seu profundo significado. A vida e a doutrina de Cristo formam um todo em si; após, portanto, ter considerado qual foi o escopo a que se dirigia a sua atividade pública, devemos considerar a que é que tende a sua doutrina. Nem é preciso estar acumulando as citações: apresenta-se-nos logo ao espírito essa sublime palavra que ensina como o Amor de Deus é o "primeiro e o maior dos mandamentos" e que ajunta: "O segundo mandamento é semelhante ao primeiro: "*Ama ao teu próximo como a ti mesmo.*" E que, finalmente, acrescenta, nisso "estar contida" toda a Lei e os profetas" (Mt, 22, 22, 37; Mc, 12, 28; Lc 10, 27).

O amor do próximo é motivo fundamental que prevade totalmente os ensinamentos do Salvador que têm por objeto os atos do homem, e o Mestre nô-lo apresenta debaixo das mais variadas formas. O bem espiritual e material do próximo deve ser o campo de ação próprio deste amor, e não somente as palavras que direta ou indiretamente dizem respeito ao próximo serão julgadas severamente, mas ainda os mesmos pensamentos — o que não deixa de contrastar com a habitual doçura de Cristo — e até o mínimo movimento vicioso, neste campo, será tomado em consideração e condenado. Jamais se mostra a palavra de Cristo tão forte e clara como nos ensinamentos que visam as relações entre os homens. Os atos, entretanto, deste amor, que podem culminar com o sacrifício da própria vida, não nos são apresentados, de fato, como dignos de especial louvor ou como atos heroicos; são-nos, pelo contrário, apresentados como coisa natural e de obrigação, quase como uma condição *sine qua non.*

Finalmente, naquele extremo e solene momento em que Cristo, despedindo-se de seus discípulos, lhes repete os seus ensinamentos, (que até então apenas humanamente haviam sido compreendidos e que as parábolas haviam tornado mais acessíveis), num tom verdadeiramente divino e transcendental, imprime o divino Mestre no cristão um único caráter, por que será reconhecido entre os outros homens, e pelo qual o mesmo Pai celeste o reconhecerá: "*Nisto conhecerão que sois meus discípulos se vos amardes uns aos outros.*" (Jo, 13, 35).

Mais não é necessário. E se agora observarmos de perto as curas realizadas por Cristo, perceberemos que não foram simplesmente testemunho de sua divindade como os demais milagres, mas um como modelo a ilustrar a sua doutrina. A vida e a doutrina de Cristo são uma mesma coisa; e a vida de Cristo sobre a terra nada mais foi que amor transformado em vida, amor vivido.

Ser-nos-á agora difícil encontrar na personalidade de Cristo a personalidade do médico católico? E será uma séria escusa para deixar de seguir o seu exemplo o dizer que Jesus curava os doentes por sua divina onipotência, enquanto que a nós, discípulos retardatários, não nos foi concedido o dom dos milagres? Abramos o Evangelho de S. Lucas. Um doutor da Lei faz uma pergunta ao Mestre e este lhe responde com o preceito da caridade (10, 15); inquire então: "*E quem é o meu próximo?*" A esta hipócrita pergunta responde Jesus com a admirável parábola, que também a nos se dirige, do Bom Samaritano (X, 30), parábola que somente se encontra no Evangelho de S. Lucas, que era versado em

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

medicina. Um homem, assaltado por ladrões, é abandonado à beira da estrada coberto de ferimentos: passam o sacerdote e o levita, veem-no por terra e o não socorrem; vem um samaritano, leigo; tomado de compaixão aproxima-se do infeliz, presta-lhe os primeiros socorros cirúrgicos de emergência, correspondentes à ciência do tempo, transporta-o à hospedaria que lhe ficava próxima, aí o assiste, deixa-o no dia seguinte aos cuidados do hospedeiro, paga por ele as despesas e promete voltar a vê-lo e a pagar o que ainda lhe ficar por saldar.

Isto é o que se chama amor ao próximo. Quem nô-lo diz é o divino Mestre na conclusão da parábola: "*vai e faze do mesmo modo*", pois não se exigem de ti atos miraculosos, mas somente o milagre do amor acompanhado dos meios naturais então à disposição.

Mas passemos adiante, a descobrir na obra sanativa levada a cabo pelo divino Mestre o fim que nos devemos propor como médicos católicos.

Considerando o amor de Cristo para com os enfermos, tal como nô-lo mostram os quatro evangelistas, logo nos saltam aos olhos as suas especiais características. É uma delas o ter empregado todos os meios à sua disposição para curar os enfermos. Não há dúvida que parte preponderante nessas curas é a sua onipotência: Ele não curava limitando-se a meios simplesmente humanos, mas curava súbita e totalmente.

Assim, não somente para curar das doenças ditas incuráveis Ele opera milagres (como por exemplo a lepra, incurável nessa época, e hoje curável apenas nos seus princípios) mas igualmente os opera nos casos em que a ciência médica de então poderia ter tentado a cura com esperança de sucesso, como por exemplo no caso da cura da sogra de S. Pedro, atacada de febre. Usa Jesus, quando Lhe parece oportuno, os meios naturais para conseguir o escopo que tem em vista, mas não os usa unicamente: usa também as suas virtudes naturais. Onipotente, como é, e onisciente, fácil lhe teria sido prever que doentes Lhe haveriam de pedir saúde, e mesmo de longe poderia ter curado com a sua simples e onipotente vontade. De fato disse uma vez, por um motivo particular, ao régulo: "*Vai, que teu filho vive*" (Jo, 4, 50); deixa-se, assim, cercar e tocar pelos doentes, impõe-lhes as mãos, fala-lhes, deixa-os contar os seus males. Os atos externos que Jesus pratica: imposição das mãos, tato dos olhos dos cegos, etc., têm valor de certo somente de presságio sacramental; mas o interessar-se viva e diretamente pelos doentes, a sua prontidão ("*Irei e o salvarei",* referindo-se ao servo do centurião; Mt, 8, 7), as canseiras que a si tomava até de todo sentir-se exausto, tudo são manifestações de sua vontade consciente de usar de todos os meios em prol dos doentes — e tudo nada mais é que amor vivido. E isto brilha em todos os atos que dizem respeito aos doentes — o que vem a ser uma outra característica da ação sanativa do Salvador; os doentes não são, efetivamente, tratados como uma turba de que Ele se quer livrar o mais depressa possível; antes, a divina compaixão de Cristo para com os doentes é sempre luminosamente patente e manifesta. E isto não o fazia Ele, de certo, de modo por demais doce... Somente em alguns passos evangélicos lemos que Cristo tenha externado com palavras e com a sua atitude a compaixão que lhe ia n'alma; e em certos casos até pode parecer-nos por demais severo e rígido, como por exemplo com a hemorroíssa que fingiu não ver. O modo, porém, com que usa de especiais tratamentos de acordo com os doentes a tratar, dirigindo a cada um uma palavra benévola, quando um ato somente de sua vontade teria bastado ("quero, fica são" etc.), mostram claramente como o primeiro móvel da obra sanativa do Salvador sempre foi a piedade, a compaixão, tal como nos outros milagres: multiplicação dos pães (tenho compaixão desta turba), a ressurreição de Lázaro, etc. É sempre por este profundo sentimento de piedade que Ele se ocupa dos enfermos com grande sacrifício e abnegação, jamais demonstrando cansaço e fadiga diante a sua insistência, muito ao contrário dos apóstolos que se mostravam às vezes aborrecidos por se verem a cada passo sustados em

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

suas jornadas por doentes que, segundo lhes parecia, eram por demais atrevidos e pretensiosos (o cego que não cessa de gritar: "*Jesus, filho de Davi, tende piedade de mim*"). E quando sozinho se retirava à montanha para rezar, apenas lhe chegava aos ouvidos o alarido da multidão e demonstravam os atribulados terem dele necessidade, chegava até a abreviar as suas horas de descanso.

E esta sua profunda compaixão não visa somente os doentes no corpo, mas abraça a toda a humanidade que padece, e que Ele vê nos que a Ele recorrem; é esta a principal característica da ação taumaturga do divino Mestre: *Êle não cura as doenças, cura os doentes.* Apresenta-se ao seu divino olhar a humanidade inteira, esse todo composto de alma e corpo, criado à imagem e semelhança de Deus. É assim que a saúde que Jesus restaura é completa; não pode existir para Ele somente o corpo, e por isto à saúde corporal Ele ajunta sempre um outro benefício que podemos chamar a individual salvação das almas. Não somente quer, por meio de milagres, persuadir aos que sara de sua qualidade de Messias, não só faz brotar de suas almas a fé e a confiança, reclamando-as como condição indispensável para a cura corporal, não somente os torna capazes de receber a obra da redenção, mas descobre ainda o seu olhar divino as necessidades espirituais do enfermo que jaz diante Dele, — necessidades estas maiores que as do corpo - e com grande admiração dos circunstantes, diz por primeiro a palavra que salva a alma e que restaura em seguida e revivifica também o corpo: "Vai, teus pecados te são perdoados".

Este modo de fazer do Salvador corresponde perfeitamente aos modos de ver da psicologia dos nossos tempos, que conhece as profundas relações que existem entre as misérias da alma e os males do corpo. Esta obra completa de caridade, que abraça o homem completo, em boa hora é apresentada aos nossos olhos pelo Médico Divino. Mas sabe Jesus, por outra parte, limpar dos erros de seu tempo o terreno das interferências espirituais e corporais; era preconceito dos tempos antigos o vincular sempre a doença à culpa, de forma que a primeira sempre se julgava efeito de possessão demoníaca ou castigo infligido diretamente pela divindade. Também o povo hebreu assim cria: é isto, efetivamente, o que vemos quando os discípulos interrogam o Senhor, quando o cego de nascimento pedia a própria cura: "*Senhor, de quem a culpa de ter ele nascido cego, dele ou de seus pais?*" Vemos como Jesus responde prontamente: "*nem ele nem os seus pais pecaram, mas é para que nele se manifestem as obras de Deus.*" (Jo 9, 3),

A glória de Deus — eis o caráter último da figura de Cristo Salvador e Médico; mais alto ainda que ao amor pelas criaturas que sofrem tendia a sua obra; tendia a manifestar ao mundo o poder e a bondade do Altíssimo e a levar o homem, por meio do restabelecimento corporal, a um plano mais elevado, ao conhecimento e ao amor de Deus. Quer o divino Mestre que a sua obra seja considerada à luz da eternidade e do infinito, quer que sirva de testemunho de sua divindade e de glória ao seu Pai, — glória que só terá cabal complemento quando o último homem, no último dia do mundo, atingir o seu fim no seio do Pai e em eterna união com Cristo.

Por isto, enquanto abençoam as suas mãos aos doentes e lhes dão saúde, levanta sempre Jesus os seus olhos ao Céu, glorifica a sua boca a Majestade do Pai, e para o alto arrebatam as suas palavras os corações dos enfermos e dos circunstantes — para o alto e para Aquele "*cuja glória narram os céus*."

E eis que, estudando em Jesus Cristo a personalidade do médico, deparamos com a relação que tudo tem com aquele alto e eterno fim por que se deve orientar toda e qualquer vocação individual, aquele fim que unicamente dá segurança, equilíbrio, harmonia a toda personalidade.

Não pode seguir outro caminho o médico católico, se é que aspira à perfeição. Somos

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

nós testemunhas dos profundos desvios e deformações que tem sofrido em nossos dias a profissão do médico, precisamente por se ter afastado deste caminho. Somente da nova geração de médicos nos poderá vir a salvação, se se apresentar ao mundo com novos ideais, sim, mas ideais eternos.

4) Mestre e discípulos.

Estudemos, pois, a personalidade do médico católico. Modelemos, por outras palavras, o caráter do discípulo pelo caráter do Mestre. É significativo o fato de sempre ter havido em todos os tempos famosos e ótimos médicos, que exerceram a sua arte por bondade natural e quase por ímpeto natural, tal como se nos mostra no modelo Divino, embora sem essa visão sobrenatural. É conhecida e muito citada a palavra de NOTHNAGEL: "*Somente um homem verdadeiramente bom é que pode ser um bom médico*". Igualmente citado e conhecido é o que escreve LIEK referindo-se a Hipócrates: "*O médico vem de Deus*". É nosso dever tornarmo-nos aquilo que outros foram inconscientemente; pensemos em nossa responsabilidade e no muito que será exigido daquele a quem muito se deu.

Vejamos, pois, como reproduzir em nós, médicos católicos, as principais características de Cristo como Salvador e Médico.

É o primeiro dever do médico ir em socorro de seu doente com todos os meios à sua disposição, tal como o Divino Salvador, que lançou mão de todos os meios que Lhe eram próprios. Implica isto a posse de tais meios e, por conseguinte, implica o estudo, mesmo depois da formatura, de sorte que esteja sempre ao par de todas as correntes e descobertas, seja no que diz respeito às teorias científicas, seja no que diz respeito à prática. Fará também um como tesouro de observações no leito dos enfermos, esforçando-se por pensar e agir sempre cientificamente, para não correr perigo de agir por hábito e mecanicamente.

É preciso que saibam os médicos o dano que poderão causar a seus doentes se se esquematizarem e pensarem curar as doenças em vez de curar os doentes. Sói isto acontecer com muita facilidade, como podem testemunhar os médicos de campanha ou de estações sanitárias, o que vem a ser a maioria dos médicos. Grande disciplina individual é necessária no regimento das ambulâncias ou das casas de saúde para conseguir considerar como indivíduo, e como tal tratá-lo, a todo e qualquer paciente em cujo tratamento somente poucos minutos se podem dispensar.

A quem solícita e precisamente queira ajuizar fazem-se mister vontade e exercício; e o médico deve sempre trazer diante dos olhos a sua incumbência, para poder oferecer a seus doentes o maior bem possível. Com esta finalidade aproveitará o médico de todas as ocasiões que se lhe apresentarem para sempre mais instruir-se e aperfeiçoar-se, e procurará conhecer e aplicar os melhores métodos para ser útil a seus doentes, usando, bem entendido, em todos os casos, de prudência e discrição, e evitando, também, cair em uma universalidade perigosa ou em um dispêndio inútil de energias.

Tem sobretudo o médico a obrigação de se aperfeiçoar naquela especialidade para que se sente mais inclinado, desde que as condições externas o permitam. E isto não somente porque todo cristão tem a obrigação de empregar bem os talentos recebidos, mas também porque sem dúvida será mais útil a seus pacientes se conseguir aperfeiçoar-se profundamente naquela especialidade a que o inclinam as suas qualidades naturais. Entretanto, só é aconselhável a especialização no caso da real e positiva existência de tais qualidades, pois o perigo de uma superespecialização é, no campo médico, já grave em nossos tempos.

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Deve também nesse sentido ser regulada a atividade puramente científica do médico. Quem, por especial disposição natural ou por condições naturais, abraça a carreira médica, não deve abraçá-la senão no intuito de servir, seja embora indiretamente, à humanidade que padece e no de ser um auxilio e um guia para os outros médicos. É, pois, dúplice esta carreira: por uma parte, o trabalho de pesquisa e por outra o do ensino. E em ambos esses ramos de sua profissão deve o médico católico visar o mesmo escopo — o escopo próprio de sua nobre profissão.

Em nenhuma hipótese será o trabalho de pesquisa um fim em si mesmo. Terá sempre em vista descobertas de utilidade prática para o conhecimento do homem, de sua essência corporal e psíquica, dos males que o ameaçam e dos meios de conjurá-los ou de extirpá-los.

Não será, neste sentido, destituído de valor ou menos digno de apreço mesmo o trabalho que cientificamente pode parecer insignificante, sobretudo se não conduzir imediatamente a resultados positivos; os erros como os sucessos muitas vezes podem não pouco ensinar-nos.

Jamais este retilíneo programa de vida do médico católico admitirá teorias destituídas de sério fundamento, teorias que brincam com a ciência, ou ainda, o que com maior frequência acontece, que nada mais são que um meio à ambição do médico no intento de conseguir um mais alto grau acadêmico.

Não é que não possa um médico católico sentir satisfação e alegria em seu trabalho cientifico; antes, se é verdade que o prazer causado pelo trabalho no-lo facilita em geral, mais necessário ainda ele é no trabalho intelectual. É esse prazer um desses meios naturais que mais profícua tornam a atividade humana e, por isso, deve ser mais adequadamente valorizado. Diligência e zelo, na medida conveniente e justa, são, portanto, necessários. Há na língua latina uma palavra — *aemulatio* — que exprime bem esse esforço de fazer o possível para adiantar-se aos mais, não com o escopo de simplesmente lhes levar vantagem, mas com o de atingir um fim superior.

Não é presunção essa operosidade individual que procura confrontar-se com a atividade alheia: é isto uma simples norma de ação; começa o caminho a tornar-se falso no momento em que o êmulo é suplantado pelo outro com meios que na linguagem esportiva se diriam "*unfair*", havendo o intuito de que seja o próprio *eu* destacado e preferido sem o trabalho que se requer. São atos esses que não têm cabimento na operosidade de um médico católico.

Quanto acabamos de dizer vale também, com as necessárias modificações, para a carreira do ensino universitário que, de ordinário, acompanha à das pesquisas científicas.

Deve o método católico, que se destina a cátedra do ensino, capacitar-se da grave responsabilidade com que arca, assim como da estrita obrigação que lhe incumbe de sempre tender ao melhor, de tudo fazer para que os seus alunos, que se destinam ao serviço pratico dos doentes, tenham a melhor formação que for possível, sem que lhes falte nenhum daqueles conhecimentos indispensáveis à profissão que exercerão. É, sobretudo, estrita obrigação sua, mostrar nos seus ensinamentos as próprias convicções morais e evitar, ao menos no que ele próprio ensina, que os seus discípulos formem ideias inexatas ou erradas. Incumbe, naturalmente, mesmo ao professor, a obrigação de alargar sempre mais o campo do próprio saber, e dar-lhe o complemento devido, elevando-o acima do próprio trabalho de pesquisa, mantendo-o à altura dos tempos. E quando em suas mãos tiver o médico católico tudo o que a ciência e a habilidade própria fornece, deverá empregá-lo reta e conscienciosamente.

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Para isto não há melhor diretiva do que perguntar a si mesmo: "*é o que faço de real proveito aos doentes, ou não o é?*"

Mais tarde falaremos da formação da consciência que é necessária ao médico, para que lhe seja facilitado o justo juízo sobre as próprias ações.

Coisa bem complexa é o emprego dos meios mais úteis ao doente, de modo a evitar conflitos com a lei moral, constituindo tal emprego o mesmo núcleo central da profissão, e isto não somente para médicos católicos, mas também para todos aqueles que quiserem proceder de acordo com a própria vocação e com os princípios da moral. É um duplo dever, simples e claro, mas se presta, não obstante, a uma infinidade de conflitos pequenos e grandes, com que depara o médico quase a cada passo e que o médico católico tem o dever de superar. Pleno êxito conseguirá somente se, conscienciosamente formado, tiver fixas as suas vistas no principal escopo de toda a sua atividade e se tiver acostumado a uma coisa importante: à renúncia, ao sacrifício.

Chegamos, assim, ao indispensável dever de que depende a personalidade do médico católico, para que seja inteira e perfeita. Como Cristo pôs ao serviço dos doentes não só a sua onipotência divina, mas também as forças humanas, assim deve o médico católico esquecer-se a si mesmo, desde que o exija o bem de seus doentes. Parecerá coisa demasiadamente dura, mas é indispensável: poderá o médico pensar no seu próprio descanso e na necessidade do próprio e justo recreio somente quando houver dispensado o devido tratamento a todos os seus pacientes. Sobremodo exigentes são as mesmas leis humanas neste ponto, e se um médico fosse acusado de não prestar socorro quando chamado, veria que em nenhuma conta haveriam de ter o próprio estado físico.

Quando necessário, deverá o médico prestar os seus serviços ao doente até a completa exaustão das suas forças; naturalmente por necessidade, e não por capricho do doente. Também no caso vale a regra: pensar bem, ponderar bem à luz da prudência cristã, dando preferência ao bem moral.

Mas ao médico católico — a ele de modo especial — se pede ainda uma outra renúncia: o desinteresse. Palavra bem estranha esta, numa época em que só se fala das necessidades econômicas do médico. Mas, observando a coisa de bem perto, poderemos porventura pensar que tenha o próprio interesse cabimento na personalidade do médico que se modela por Jesus Cristo? Certamente que não. E não há outro caminho a escolher: ou a decisão de exercer a arte médica para daí auferir lucros, e então não se passa de um funcionário, um artífice que estudou medicina; ou se decide a ser médico em toda a extensão do termo, e então o lucro só pode ter importância secundária, se necessário ele for.

Não há possibilidade de pactos aqui: aquilo que o homem quer ser, seja-o em toda a linha; ou, então, não o seja absolutamente. Se a alguém parecerem duras estas palavras, que em tempo tome outro rumo, e não macule em sua pessoa o nome de Cristo. É com plena consciência do que afirmo que aqui repito estas veementes palavras, porque sei que foi precisamente a ganância do lucro que a tão baixo nível fez descer a profissão do médico. Os principais erros morais no tratamento dos doentes: o ódio e a inveja para com os colegas, dando origem muitas vezes à hipocrisia, à mentira, a difamação, e que não se furta ao emprego de qualquer espécie de meios, têm as suas raízes na ganância do lucro. E isto sem falar da condição de simples coisa a que se vê reduzido o paciente de um médico interesseiro, simples coisa, digo, tal como os legumes de que se ocupa o lavrador ou como os toros de madeira que o mateiro empilha. A ganância do médico destrói completamente a personalidade do médico católico. Mais uma vez o dizemos: trata-se aqui de ser ou não ser.

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Mas quem deseja ser ao mesmo tempo médico e cristão, não pode deixar de deparar com um grave problema: Como anuir ao nosso convite ao desinteresse numa época de tão graves preocupações econômicas? É clara a resposta e tem fundamento na doutrina de Cristo; e não negamos que exija sacrifício. Ora, observemos uma vez os ensinamentos do Salvador e as curas por Ele realizadas. É certo que Jesus Cristo e os seus discípulos, que tinham deixado as suas ocupações para Segui-lo, tinham necessidade de alguma coisa para viver. E o Evangelho nos diz em vários pontos que nem sempre tinham eles essa alguma coisa, como, por exemplo, no passo em que Jesus Cristo se senta cansado da viagem, no poço de Jacó, e tem fome, naquele em que os apóstolos, com grande escândalo dos fariseus colhem para comer algumas espigas, em dia de sábado, etc... Podemos disto deduzir que, segundo um antigo costume, o mesmo auditório do Divino Salvador, que O seguia para Lhe ouvir a doutrina e Dele receber favores e curas milagrosas, Lhe teria oferecido os seus presentes conforme a condição de cada um, principalmente frutos da terra, de modo a prover ao sustento do Salvador e dos apóstolos.

De Judas diz o Evangelho que levava a bolsa e guardava "*o que lhe punham dentro*".

E mais tarde S. Paulo, na sua primeira carta aos Coríntios, falando mais difusamente do direito que tinham os apóstolos e os seus sequazes ao próprio sustento, refere a sentença do Deuteronômio, 18, 1: "*aqueles que servem ao altar, comem do altar*" (1 Cor 9, 13).

Se isto vale para Cristo e seus apóstolos, deve valer também para qualquer outra profissão, assistindo ao homem o direito de nela achar o seu justo e suficiente sustento. É, em consequência, justo e natural que o médico católico deva viver de sua profissão, e não só ele mas também a sua família.

Há, porém, enorme diferença entre o modesto lucro que basta para a vida, e a ganância da riqueza. Entretanto, é às vezes difícil descobrir nitidamente qual a decisão a ser tomada, quando se consideram as condições de cada indivíduo em particular (assim, por exemplo, pode um automóvel ser indispensável para um médico do interior e não passar de comodidade para o cidade). Mas tem a sua solução a dificuldade e ela brilhará desde que se respeitem as fronteiras da retidão e da moral, e se no paciente considerar o médico em primeiro lugar o doente e em segundo o cliente.

Com energia até, se necessário, saberá o médico católico defender os seus interesses perante os que por descuido ou por avareza lhe negarem a justa recompensa do seu trabalho. Mas jamais regulará a sua conduta para com o doente e os cuidados a ministrar-lhe pela sua maior ou menor possibilidade de recompensá-lo. Sempre há de considerar em primeiro lugar o irmão enfermo que por amor de Jesus Cristo deve curar, e em segunda plana, muito em segunda plana, poderá considerar o lucro a auferir. Uma vida de luxo, acima do que as suas necessidades e condição exigem, não poderá ser, em hipótese nenhuma, a vida de um médico católico.

E aqueles poucos que, sem ofender esta lei, tiram de sua profissão lucros notáveis, saibam que têm ainda mais obrigações com respeito aos seus clientes pobres.

Mais uma vez faz-se mister decidir; se tal norma de conduta for preterida visando-se acima de tudo o próprio lucro, e fácil que se passe a tratar somente dos doentes que paguem bem e a que se proceda indelicadamente nos ambulatórios e "Casas de Misericórdia".

Não é preciso dizer que a nós, médicos católicos, ainda maior caridade se recomenda. Recordemos a parábola do Samaritano que recolhe, medica, transporta o seu ferido, e que por ele paga os dois dinheiros.

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Assim devemos proceder também nós, quando virmos ser necessário; devemos ajudar com atos e conselhos, animar, fornecer indicações, encaminhar a alguma associação de socorro, sem que nos furtemos a abrir a própria bolsa para socorrer o doente pobre e necessitado. Naturalmente que não poderá dispensar dois dinheiros quem os não possuir. Mas consideremos esses dois dinheiros como símbolo das obras de misericórdia espirituais e corporais (que são prescritas a todos os cristãos) e veremos que ao menos um dinheiro haveremos de sempre possuir e sempre poderemos dispensar: o dinheiro de uma palavra amável e encorajadora, ou mesmo a simples expressão da própria boa vontade em ajudar e socorrer; são presentes estes que sempre se poderão fazer e que muitas vezes poderão confortar, como muitas vezes o experimenta o bom médico.

E eis-nos chegados a um ponto importantíssimo na personalidade do médico católico que depois do amor de Deus deve ser o mais poderoso móvel de suas ações: a grande compaixão de Cristo para com os doentes. E não é fácil sentir esta compaixão quando curas, diagnoses, terapia tudo e industrializado e fica o doente reduzido quase que somente à condição de número.

Sem que o queiramos, mesmo os melhores dentre nós se veem arrastados por este gênero de atividades, fazem o que devem fazer somente para livrar-se de mais um cuidado, representando o paciente somente uma dignose ou uma curva de temperatura em meio de muitas outras. Não é mais que um laboratório o hospital, e o doente da casa de segurados não é mais do que um objeto mais ou menos apto a ser manejado pelo especialista. A fadiga e a excitação exercem a sua ação, e o médico, que se sente levado a ocupar-se antes de trabalho científico que de clínico simplesmente corre o perigo de tratar o doente como um simples objeto de laboratório.

Mas nem por isso deixa de ser homem o doente, um homem abatido, muitas vezes, e de faculdades — faculdades de pensar, de sentir, de desejar, de querer — aguçadas pelos sofrimentos. Não poucas vezes só compreende o médico a verdade de tudo isto quando ele próprio cai enfermo.

O médico católico não pode dispensar a compreensão desta verdade, se quer ser completo, se quer ser cristão. E como será possível conservar o sentimento de compaixão e de compreensão, como será possível impedir que a rotina nos endureça as faculdades, senão tendo os olhos fitos no ideal e vigiando continuamente sobre si mesmo sempre que se estiver em contato com os doentes?

Pensando bem, veremos que não é demais o que se exige de nós. Piedade e compaixão não significam dengosa doçura e nem significam belas palavras e belas promessas que jamais se cumprem; não significam contentar os caprichos do doente, dele afastando tudo aquilo que o incomoda, mas que tem a sua razão de ser. Mesmo cientificamente falando, não passaria de erro tal proceder, pois o médico deve ser de certo modo o educador dos seus doentes, muitas vezes verdadeiras crianças em suas mãos.

É em toda a atitude do médico para com os seus doentes, pelo contrário, que se deve demonstrar a sua piedade: no sorriso de seus lábios, no tom sempre amigável e tranquilo da sua voz, na palavra de conforto que diz oportunamente, no aperto de sua mão, na lição que ministra, concedendo, ao mesmo tempo, um aliviozinho qualquer. A atitude de um médico perante o seu doente jamais poderá ser a de um homem de negócios: o doente, naturalmente egoísta e ocupado unicamente de si, deseja que o considerem individualmente, pessoalmente, e o médico lhe deve dar esta persuasão, mesmo que a doença seja das mais comuns. Quem, afinal, sai ganhando com isto é o próprio médico: em primeiro lugar pela confiança que cria o doente — muitas vezes elemento de melhora e que apressa a cura total — e em segundo lugar porque se habitua a individualizar e a se

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

defender, assim, do perigo da rotina. É esta forma de curar individualmente, sem perda de tempo e sem que o doente fique viciado, uma coisa não só possível mas até fácil, desde que tenha o médico uma certa autoformação.

Pode ser algumas vezes necessário usar de firmeza e até de certa severidade. Com doentes de sexo diverso, por exemplo, é preciso que não se tenha demasiada doçura no trato. E com doentes caprichosos e indisciplinados pode ser de obrigação usar de severidade. E, sempre assim fazendo como médico católico, longe de mostrar-se impaciente sem motivo, saberá com uma palavra gentil fazer-se perdoar, se por acaso o for em um momento de fadiga e excitação. Jamais o médico no tratamento dos seus doentes demonstrará a simpatia ou a antipatia que ele lhe poderá inspirar. O doente antipático, nervoso, desasseado, bronco, mal contente e resmungão, tem o mesmo direito à compaixão do médico e aos seus amáveis cuidados, que o doente simpático, sereno, inteligente e culto. Não se permitirá, portanto, o médico católico fazer diferenças na cura entre ricos e pobres, entre os gratuitos e os não gratuitos, e isto não somente porque é cristão, mas também porque é homem e uma tal conduta seria simplesmente indigna. Certamente que pode o médico no seu modo de fazer adaptar-se ao nível cultural e social dos seus pacientes, pois não pode dispensar a sua colaboração no alto escopo que quer atingir em seu restabelecimento; mas nunca a sua conduta, a sua preocupação, a sua solicitude e prontidão serão resultado da influência da condição social de seus doentes. Antes, as suas mais amoráveis preocupações deverão ter por objeto os mais dignos de compaixão: os pobres envergonhados, os que, decaídos, a sorte atira das comodidades de sua casa a um leito de hospital, os sós, abandonados e desvalidos — a estes deve o médico católico todo o seu amor, como à parte da humanidade que mais dele necessita.

Eis aí o que são sentimentos de humanidade verdadeiros e completos. Isto é o que o médico deve ser segundo o exemplo do Divino Mestre. Tocamos aqui num assunto de importância capital. O que nós, cristãos, sabemos sobre as íntimas relações entre corpo e alma é atualmente do domínio, em sua maior parte, mesmo da ciência médica, de maneira que o médico que não tivesse em consideração a psique do seu paciente, seria um pobre médico.

De o ser está dispensado quem quiser, se assim julgar; mas o católico é que o não pode ser como já vimos, e assim deverá ter sempre no seu modo de tratar os doentes, uma particular atenção para com as suas condições psíquicas. Bem sabemos que sentimentos de temor, preocupações, cruzes não são feitas para melhorar um doente e que um ambiente de hospital pode ter uma influência deprimente. Pode um tal ambiente inspirar desconfiança na organização sanitária, no seu pessoal de assistência e relutância no doente, em se deixar apresentar aos estudantes. Tudo isto, e ainda muitas outras coisas, agravam os sofrimentos dos doentes e exercem um influxo deletério sobre eles.

Entretanto, não faltarão entre os doentes os que de todo se adaptam ao ambiente hospitalar, aí se encontrando à vontade, e também os que somente no hospital, encontrarão compensação pela miséria e necessidades da própria casa.

Nas conversações particulares caberá ao médico, que logo descobrirá toda sorte de males físicos e morais, combater os prejuízos que assumem todas as formas e que versam sobre a pessoa do médico e sobre as enfermidades. Não pode ignorar o médico que o doente, mesmo se o não deixe perceber, o olha como a um superior e isto enquanto será para si motivo de uma vigorosa disciplina de si mesmo, também lhe mostrará uma nova incumbência sua, a saber, a valorização a seus próprios olhos do fator espiritual como elemento de cura.

Quando não puder agir diretamente, tranquilizando o doente e aliviando a sua dolorosa

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

condição, na medida de suas possibilidades, procure ter uma influência ao menos indireta. Não pode o médico livrar o doente de todo e qualquer sofrimento, é verdade. Mas bem lhe pode demonstrar a sua compaixão com deferência, com tato, e poderá com sua bondade e modos gentis prestar bem apreciável alívio a certos doentes: e estes bem poderão, por sua vez, nem que seja uma só vez, desafogar-se de seus males e manifestar sofrimentos morais que de há muito guardavam escondidos. Não há dúvida que muito tato se faz mister no caso, pois nem todos têm olhos de ver dentro da alma do próximo. Entretanto todos poderão ter aquele "tato do coração" que procede da caridade cristã. Deve o coração do médico católico regurgitar de tal caridade, porque ela lhe fará achar o caminho para o espírito dos seus pacientes, sejam estes ricos ou pobres, segurados ou não segurados, bons ou maus. E isto não em sentido egoístico, mas dela usando como de uma ajuda para obter a melhora e o restabelecimento, e para influir, em sentido educativo, no espírito do paciente. Os doentes que, tal como se quisessem fugir a si mesmo e aos outros, se concentram no seu mal (e para tal fazer não é absolutamente necessário ser histérico), assim como aqueles que a desgraça ou a ruína da fortuna lançou no abatimento, acharão um grande apoio no médico de coração que lhes ajuda a fazer a justa ideia do verdadeiro sentido da vida e lhes facilita assim o seu restabelecimento físico. E no caso de o médico descobrir que as suas possibilidades não bastam e que se requer competência superior à sua, então encaminhe o médico o seu paciente ao psiquiatra espiritual, isto é, ao sacerdote. O médico católico deve ater-se aos ensinamentos do Divino Mestre, mesmo para conseguir um feliz resultado sob o ponto de vista clínico, quero dizer, deverá ter uma grande atenção para com as necessidades espirituais do doente.

Cristo, que em sua vocação de Salvador abrangia a vocação de todos os homens, dirigia aos que sofrem a palavra que salva a alma: "*Vai, teus pecados te são perdoados*". Estas palavras representam o ponto de convergência, o ponto culminante da ação de Cristo como Médico e como Sacerdote, e até ai chega a obrigação do médico católico.

Ensina a doutrina de Cristo a antiga sabedoria, que a psiquiatria e a psicologia modernas lentamente vão reconquistando, a saber, que a saúde do corpo é subordinada à da alma, e que a alma, *forma corporis,* tem sobre ele imensa influência. (1)

A missão do médico secunda somente a do sacerdote, põe-no em contato com a alma, e eis aí por que, mais que dos outros, é dele que se espera conforto moral, quando necessário, e até aos limites da zona de sua influência. Muitas vezes se encontra o doente, devido à mesma enfermidade, em condições de incertezas e necessitado; sente-se então, nas suas horas de sofrimento e de solidão, quase inconscientemente, diante de sua alma e do seu Deus, e se torna sensível a toda palavra que o ajude no seu caos: a mais, considerando o doente ao médico como superior, de alguma forma, aos demais, (mesmo que afetasse desprezá-lo, quando estava são), dá a todas as suas palavras um sentido particular e sempre importante.

É bom por isto que o médico, sem preocupação de credos religiosos, demonstre as suas convicções nas suas benévolas e consoladoras palavras. É admirável o efeito que em qualquer doente produz a palavra "Deus" dita de vez em quando e quase sem se pensar nisso. Depressa se muda a surpresa em confiança, e o doente começa a falar, de forma que pode o médico facilmente confortá-lo e preparar o caminho para o médico divino e para o sacerdote que O representa. Não é que deva o médico arvorar-se em pregador, ou pretender introduzir-se nessa região da alma em que o homem fica sozinho diante do seu Deus, e apenas tem necessidade do sacerdote, como de intermediário. Não deixe, porém, de avisar o seu doente, para que, se é católico, possa receber com a suficiente lucidez de mente os últimos sacramentos, e o aconselhe a não deixá-los , para mais tarde, pois deve estar persuadido de sua virtude sanativa, mesmo em sentido puramente médico. Tem sua

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

parte de responsabilidade na alma do seu doente o médico católico. Deverá, por conseguinte, ajudá-lo, — mesmo em remoto perigo de morte — no cumprimento de seus deveres religiosos, e encorajá-lo no desejo que o doente demonstre de cumpri-los. E quando vizinha estiver a morte, é então que se deverá mostrar toda a fé e caridade do médico católico. Para ele não é a morte mais do que a porta que abre deste mundo para um mundo melhor. Mas o homem que nos seus mesmos umbrais dolorosamente agoniza é digno de compaixão e necessita de ajuda. Toca ao médico procurar-lhe toda sorte de alívio corporal possível; é esta a sua última incumbência; mas, em seguida, é o cristão que ele deve ver presente para atender à sua alma e ajudá-lo. No caso de a sua família e o mesmo doente serem religiosos é fácil desempenhar-se de uma tal incumbência; bastará advertir do perigo, e tudo irá por si mesmo, não lhe restando mais que confortar e ajudar quando necessário. Mais difícil será a sua posição quando o catolicismo de um ou de outros não passar de um catolicismo de aparências temendo doente e parentes (muitas vezes antes estes que aquele) não só o mesmo avizinhar-se da hora extrema, mas também, e mais ainda, sentindo uma certa aversão pelos últimos sacramentos. Não se podem sugerir normas gerais para casos como este, tão numerosos como os mesmos homens e as suas disposições. Melhor conselheiro não terá então o médico que o seu tato delicado, a bondade do seu coração, e a firmeza de sua fé a dirigir sempre para o alto as suas vistas.

Por outra parte é responsável o médico pelo batismo dos recém-nascidos débeis, mas, a menos que o perigo de morte seja iminente (caso em que tem expressa obrigação de batizar) deverá sempre pedir autorização a seus pais.

É indispensável que em todas essas ocasiões tenha o médico aquele tato e aquele sentimento e que já falamos. E digamo-lo mais uma vez: não deve arvorar-se em pregador nem insistir, mas deve somente estender a mão a quem a quer tomar, e verá que a tomarão com mais frequência do que pensa; verificará, também que com o seu exemplo e a sua conduta mais conseguirá que com muitas palavras.

Se quer o médico ser um verdadeiro cristão deverá seguir o exemplo do Mestre, devendo o fim de sua missão orientar-se por esse fim eterno e superior que é o mesmo Deus.

Mas demos a palavra a S. Paulo Apóstolo: "*Irmãos, se eu falasse a língua dos homens e dos anjos, não tendo caridade, sou como um bronze que soa ou como um címbalo que retine. E quando tivesse o dom da profecia, e entendesse todos os mistérios e todas as ciências, e quando tivesse tanta fé que transportasse montanhas, nada sou se não tenho caridade. E quando distribuísse em alimentos para os pobres todas as minhas riquezas, e quando sacrificasse o meu corpo para ser queimado, nada isto me aproveita se não tenho a caridade.*"

E que é a caridade?

É a tendência para o polo, própria da agulha magnética; é a corrente do rio que se precipita para a própria foz, é a total e firme orientação de todo cristão para Deus e para a sua glória — à qual é dever seu levar a sua contribuição em toda a sua vida. A este plano superior deve levantar o médico o exercício de sua profissão. Todo o seu trabalho deve ser sob a luz do eterno e do divino, e somente neste espelho ele deve mirar-se. Fora daí, não há como conseguir plenamente o seu valor como médico católico, e nem será possível uma plena personalidade. É somente no caminho de sua vocação pessoal que pode o médico trabalhar no próprio aperfeiçoamento e, mais que qualquer outro, achando-se em meio às mil preocupações de sua profissão, deverá ter grande cuidado para conservar-se na justa direção. Profundamente radicado no Corpo Místico de Cristo, deverá incessantemente manter contato com as riquezas da liturgia, com a força dos

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Sacramentos, e imitar o Divino Mestre que tantas vezes se retirava aos montes para buscar repouso e novas energias na oração e na união com seu Eterno Pai.

Mesmo o médico católico, precisamente porque a braços com mil cuidados e sob o peso esmagador da própria responsabilidade, deve saber destinar de tempos a tempos um dia não somente ao descanso corporal mas também à oração e ao estudo de si mesmo: somente assim poderá defender-se do perigo de diminuir-se, somente assim preservará a própria personalidade das lacunas e contradições que roubariam ao seu trabalho inteiro todo o seu valor e solidez. Mormente porque caminhando pelas cumeeiras dos acontecimentos humanos, está mais exposto a perigos e danos, jamais deve o médico católico perder de vista o último fim: o mesmo Deus, em quem deve projetar a sua personalidade realizada em Jesus Cristo

(1) Cumpre-me declarar que aqui não exponho doutrina teológica, mas médica.

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CAPITULO II

A FORMAÇÃO

1. Escolha da profissão.

Exige do homem a profissão do médico uns certos requisitos que nem todos possuem. Isto vale, naturalmente, ainda no campo das faculdades e dos dotes naturais. Vimos em outra parte que o cristão tem maior responsabilidade e que está obrigado a sempre ter isto presente em seu espírito para o completo desenvolvimento da personalidade na profissão, e vimos também que a profissão do médico, como tal, é uma das que consigo trazem especial pêso de responsabilidade, por isto que tem por objeto, na prática profissional, a mesma humanidade viva.

Quem comprende a figura do médico tal como a pintamos nas observações que precedem, compreenderá também o que fica dito no primeiro capítulo, a saber, que a profissão do medico é daquelas que sòmente por aquêles deve ser abraçada que verdadeiramente sejam aptos para conseguir o ideal profissional.

Mas, na realidade, que é que acontece?

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Se perguntarmos aos jovens estudantes de medicina do primeiro ano a razão de terem abraçado a carreira, prontamente responderão: "porque me interessa". As outras respostas se fundamentam em bases materiais: deixaram-se atrair pela miragem da "profissão liberal", em que se vêem melhores possibilidades de lucro do que nos empregos públicos que, aliás, dificilmente se conseguem. E tem confiança em si mesmo o jovem, e pensa que com êxito superior ao dos outros conquistará o seu "lugarzinho ao sol" de bem estar material. A outros seduz a alta posição social do médico, e não faltará quem diga, principalmente entre os menos bem dotados: "assim quer o papai" (ambição, portanto, dos pais, de ver o filho ou a filha em grau social mais elevado que o seu). E não faltarão os que, mastigando a sua resignada resposta dirão: "que se há de fazer?"...

Nas moças é um pouco mais alentador o conjunto das respostas; há mais entusiasmo e interêsse pela mesma profissão, uma vez que posição social e colocação elas podem obter simplesmente com o casamento; além disto não faltam profissões especificamente femininas, e quanto ao desejo de relações com rapazes e mesmo do flirt, que hoje não poucas moças leva às escolas superiores, também em outras faculdades — e até melhor nas outras — elas o realizam. E' tudo conseqüência de que tem a moça uma maior in-

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

tuição de suas aptidões pessoais, deixando-se por estas guiar-se, enquanto que os rapazes olham mais para o fim que querem conseguir do que para si próprios.

Entusiasmo e interêsse pelo estudo da medicina são, pelo menos, motivos ideais que o autorizam.

Parecerá verdade dura por demais, para os nossos tempos difíceis em que todos os estudantes (por mais conscienciosos que sejam) e também tantos pais de estudantes só olham o seu futuro — mas não deixa de ser verdade que todos os motivos acima enumerados de interêsse e de carreira não têm cabimento no conceito cristão da profissão de médico.

Aquêle que entra na carreira por motivos puramente humanos exclui de início o seu futuro exercício como médico cristão.

É, efetivamente, esta falsa posição que desde o início se toma, inteiramente contrária ao sentido mesmo da profissão; é uma como ferrugem que vai consumindo o metal; e muito calor, calor mais que ordinário seria necessário se para logo se quisesse fazê-la desaparecer. Aquí se trata é da premissa; coisa muito diferente é dizer: "Quero estudar medicina para prover ao meu bem-estar material" e dizer: "Um dia terei de ganhar o meu pão para não ser por demais pesado a meus pais; sinto pela medicina verdadeiro amor, verdadeira

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

paixão, e quero tentar êste caminho". Nada há a objetar a estas últimas palavras, pois, bem se pode chegar à obtenção do todo, partindo-se dessa simples premissa.

Desta proposição à seguinte — èticamente mais elevada —: "quero um dia, seguindo o exemplo de Cristo, levar algum alívio à humanidade que sofre, e tudo o mais me é indiferente" — há uma série de gradações no programa da escolha da profissão que correspondem ao juízo mais ou menos maduro e à educação do jovem estudante. Nem de todos se podem pretender estas mais altas valorizações; mas não creio estar no êrro se afirmo que a todos indistintamente tais idéias se apresentarão com o correr do tempo, contanto que trabalhem sèriamente na própria formação, que conheçam o seu dever de cristãos, e que jamais percam de vista o ideal do médico católico.

Encaremos agora positivamente a questão. Quais são, no jovem que deixa os estudos preparatórios, os sinais que indicam ser êle capaz de um dia ser um bom médico? Antes de mais nada se deve ter em consideração as suas disposições naturais, como se faz na escolha de qualquer outra profissão; queremos dizer que seja dotado de suficiente inteligência, oportunamente orientada. Sabemos que mesmo para a matemática se requer uma especial inclinação, e que em vão se

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

aplica ao seu estudo quem a não possui. O mesmo se diga do estudo da física, da química, etc.

Muitas vêzes não é devidamente avaliado êste importante requisito no estudo da medicina. Julga-se que bastam umas reduzidas aptidões para observar e para compreender e que com isto se poderá dar boa conta da matéria que se exige nos exames. Mas isto não basta para que se possa ser bom médico, mesmo que fechem os examinadores ambos os olhos. Para que o estudo da medicina seja realmente proveitoso e dê os melhores resultados no sentido cristão do dever, faz-se precisamente mister que se possua não sòmente a comum faculdade de observar e de compreender, mas também uma boa dose de imaginação plástica, capacidade de ràpidamente pensar e de prudentemente relacionar os fatos, e além disto espírito de observação e senso da realidade, que claramente distingue o fato positivo sôbre o fundo do pressuposto teórico. Compreensão intuitiva do homem e das suas doenças, que foram característica de grandes médicos e que é sinal certo de vocação, é que só raramente se encontra. Mas pode ser substituída pela boa utilização dos outros requisitos necessários à profissão, sobretudo quando, com a maturidade, se adquire o verdadeiro amor para com o homem que sofre. Entre as aptidões específicas não deve faltar, juntamente com a paixão pelas pesquisas naturais, um sadio senso

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

crítico. Não é que estejamos preconizando o exagerado conceito de si próprio, de quem crê que tudo sabe e tudo conhece melhor que os próprios professores experimentados; o que preconizamos é essa faculdade que ajuda a distinguir, no material científico apresentado, o que é acertado do que o não é, o que é possível daquilo que o não pode ser, etc. E' ainda necessária a aptidão de pensar filosòficamente, por mais estranho que isto pareça nesta época em que tudo se volta para o que é material. E isto não só porque seria mais tarde charlatanismo a ocupação prática sem um pensamento científico, mas também porque o médico cristão deve ter uma base filosófico-religiosa se quer com inteira proficiência atingir o seu escopo.

Além destas qualidades intelectuais deve o estudante de medicina possuir os indispensáveis requisitos físicos. Um estado de saúde mal-segura (anemias, infecções tuberculares, etc.) deveria aconselhar prudência, especialmente nas moças. Será o caso de consultar um médico experimentado para dêle receber a devida orientação: se apenas se fará mister uma pausa de repouso entre os estudos preparatórios e a universidade, ou se a mesma renúncia do estudo da medicina se torna conveniente, em vista também de uma eventual anamnese de família ou das condições do ambiente. Não se podem aquí dizer coisas que va-

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

lham como regra geral; fica sempre o caso particular que decidir. Muitos jovens se fortalecem visìvelmente no estudo, e outros, que precisamente faziam conceber maiores esperanças, nêles se enfraquecem.

Especiais precauções se devem tomar no caso dos nevróticos, ou no de doenças mentais na família do estudante (especialmente melancolias, narcomanias, etc.) e isto não sòmente por causa do estudante, mas sobretudo por causa das futuras conseqüências no exercício da profissão. Por mais duro que isto possa parecer, deveriam ser excluídos do estudo da medicina os indivíduos defeituosos. O defeituoso não é apto para o exercício prático da profissão, uma vez que não pode exibir a fôrça física e as habilidades necessárias, especialmente na cirurgia e na obstetricia, não podendo inspirar, além disso, nenhuma confiança ao dòente. Certamente que também aquí há que distinguir entre caso e caso. Um ligeiro desvio, por exemplo, da coluna vertebral não é incompatível com o exercício profissional, e pode fàcilmente ocultar-se, enquanto que os anões, os corcovados, os tartamudos etc., devem ser excluídos como indivíduos inaptos. Sòmente no caso de um talento excepcional é que se poderá fazer exceção, mas isto, apesar da comum voz do vulgo, muitíssimo raramente se encontra unido a defeitos corporais.

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Se o indivíduo tem notável tendência para importantes disciplinas médicas, pode tentar o estudo em vista da eventual carreira puramente acadêmica, contanto que haja também a correspondente fôrça psíquica, uma vez que o estudo será para êle uma via dolorosa e êle na luta pela vida correrá o risco de fracassar.

No estudante cristão, porém, que quer dedicar-se à medicina, ainda outras qualidades, que chamamos graças de estado, se deverão ajuntar às que acabamos de enumerar. Se devemos encarar as primeiras como destinadas ao homem da providência, vale também isto, e mais ainda, com relação às segundas. Entre estas incluo tôdas aquelas disposições de caráter que se dizem naturais, do ponto de vista da psicologia científica. Com efeito, mais do que nas qualidades espirituais, vale aquí o *gratia supponit naturam*.

Devemos aquí dizer que, do ponto de vista da doutrina cristã, todo defeito de caráter pode certamente melhorar ou ainda desaparecer com o auxílio da graça e por meio de um trabalho radical, não representando assim um obstáculo insuperável ao médico católico. O que principalmente se deve ter em vista é que tôda porta se abre a quem tem conhecimento de seus defeitos e além disso uma vontade decidida. Fecha-a, porém, a indiferença diante dos próprios defeitos. Queremos, enfim, dizer, que certos defeitos de caráter, como também

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

falta de inteligência ou defeitos físicos não predispõem à profissão do médico, e que em conseqüência falta a tais pessoas a especial vocação a tal profissão.

Também aquí queremos salientar antes de tudo o lado positivo, mas antes devemos estabelecer uma condição principal que vale, aliás, para tôda e qualquer profissão, mas que na do médico é ainda mais importante e necessária: referimo-nos a esta grande qualidade, que é uma certa firmeza de vontade. Não é apto para o estudo da medicina aquêle que perde ânimo logo em qualquer dificuldade e sobretudo não é apto para exibir-se como médico, uma vez que ser médico significa lutar com a natureza ou seja para dobrá-la ou seja para torná-la útil a si. Sem fôrça de vontade, antes de mais nada, torna-se impossível a consecução do ideal do médico, assim como a prática da mesma profissão, uma vez que requer atividade constante e sempre renovada, se é que se tem firme vontade de manter-se na rota, sem desvio, apesar das tempestades da vida. De nenhuma valia são, portanto, as outras boas qualidades eventuais sem essa firmeza de vontade.

Entre as boas qualidades deve o jovem estudante possuir a da temperança — não a restringindo, entretanto, ao sentido de sobriedade. Naturalmente que é importantíssima esta última, porquanto, mercê de Deus, já se foram, ao que parece,

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

os tempos em que os estudantes passavam os seus melhores anos no ócio e no vinho, sendo, por outra parte, raras e deploráveis exceções em longínquas regiões de montanha, os médicos amigos por demais do copo. Não é preciso dizer que nem no estudante nem no médico católico tem tal coisa cabimento. No entretanto, consideramos aquí a temperança no sentido da correspondente virtude cardial: a facilidade em guardar a justa medida em todas as coisas, unida à prudente reflexão antes de começar a agir. Talvez que a justa expressão a usar no caso seja "moderação", mas não lhe exprime exatamente o conceito. Nessa aptidão a guardar a justa medida está também compreendido o contrôle de si mesmo, tão necessário ao médico cristão. O médico deve controlar sèriamente os seus defeitos e instintos, especialmente em relação ao paciente. Não devem êstes, de fato, ter influência sôbre o seu modo de agir.

O jovem que não possui a faculdade do contrôle de si mesmo e do comedimento no seu proceder, que obedece aos impulsos todos de sua natureza e a todos os seus sentimentos, nada tem que buscar na medicina. Aparecem, efetivamente, na medicina, mais que em qualquer outra profissão ou ramo de estudos, tentações em todos os sentidos possíveis — e não só no campo erótico — que queremos aquí apenas acenar. Os jovens com inclinação para o erotismo deveriam a priori per-

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

manecer bem longe do estudo da medicina, uma vez que é contrário à doutrina cristã confiar excessivamente nas próprias faculdades de contrôle de si mesmo.

Uma certa dose de bondade de coração pertence àquela qualidade que chamamos graça da profissão. Não queremos dizer que o jovem de 18 anos, que bem pode de todo ignorar o que seja a dor, deva possuir já conhecimentos do homem doente e das suas qualidades. Mas no fundo do seu eu deve existir bondade, amabilidade e vontade de auxiliar, pois são qualidades que não poderão, sem mais, aparecer ao depois.

Junte-se a isto o respeito pela vida e por todos os seres vivos, como coisas que têm algo de santo, objeto do divino querer, resultado de sua ação criadora. Quem levianamente maneja ossos apenas extraídos do cadaver, cantando sambas ou outras quaisquer canções populares, e, pior ainda, que faz a seu respeito cínicas observações, considerará no futuro o seu doente um objeto de lucro, e pior que isso. Êste homem jamais será um verdadeiro médico; não passará, quando muito, de praticante da arte médica.

O pleno valor do médico cristão se consegue ainda com outras virtudes absolutamente necessárias: renúncia e sacrifício de si mesmo. Já vimos que não pode absolutamente o egoísmo ter lugar no programa profissional de um estudante de me-

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

dicina. Agora passemos mais adiante, exigindo, como sinal positivo de vocação, que o jovem seja capaz de sacrificar-se pessoalmente, e isto não só por uma causa qualquer suficientemente boa e grande em sua generalidade, — pois isto, mercê de Deus, já naturalmente se encontra no ideal da juventude — mas ainda, e simplesmente, pelo sentimento do dever, e por amor do próximo.

Muita coisa está contida nesta palavra "sentimento do dever", e por isto a queremos explicar aqui brevemente. A cada página falo neste livro do dever: dever de ser médico cristão em tôda a extensão da palavra, dever de fazer-se tal; deveres pequenos e deveres grandes, e tudo contido em um dever principal. Aquêle, portanto, que não tiver sentimento do dever, que ùnicamente quer vencer para satisfação dos seus desejos pessoais, que em tudo procura as possibilidades de evitar o que é desagradável — fique bem longe da carreira e do estudo da medicina! Sentimento do dever e vontade de sacrificar-se são dois irmãos gêmeos e, logo de início, devem coexistir no estudante de medicina. Do contrário faltaria um fator essencial da sua vocação.

E repetimos: todo êrro pode ser corrigido, tôda deficiência pode ser compensada pela boa vontade. Mas, no caso de deficiência especialmente nociva à mesma profissão, não é possível falar de vocação conforme o próprio Deus a quer.

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

É, então, o ideal que apresento ao estudante de medicina, um ideal de virtude sublime por demais? Ou, talvez, pretendo eu que o médico seja um santo? Certamente que não é isto que pretendo, e quero esperar que não serei mal compreendida. Não obstante, poderá alguém objetar: Não são, acaso, os jovens dotados das qualidades indicadas, uns carrancudos ou então pedantes defensores de teorias e, em todo caso, gente presunçosa, colegas indesejáveis? Não se fazem êles uns seres hipócritas ou solitários, trancados dentro de si mesmos, enfim uns seres incapazes na vida?

Desde que bondade e espírito de sacrifício sejam qualidades verdadeiramente tais, sejam fruto da união com Deus — que é caráter essencial de todo verdadeiro cristão — nenhum perigo haverá de parecer carrancudo, pedante, etc. Vibra efetivamente, em todo cristão, a grande alegria, conhecida ou não, de ser um homem para os outros homens. O jovem são, de sentimentos verdadeiramente cristãos, sempre deixa soprar em volta de si, corajosa e alegremente, o vento fresco da vida. Pura e discretamente vive no meio dos seus companheiros, consciente de sua fôrça interior. Não foram certas almas deficientes que tive em vista quando afirmei o que vem expresso acima — almas que se iludem a si próprias e aos outros

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

com aparências de boas qualidades, mas visando fins ilegítimos.

Uma pergunta ainda mais importante devemos fazer agora: está o jovem, apenas terminados os seus preparatórios, em condições de conhecer exatamente as próprias disposições, as próprias aptidões, de forma a poder proceder sem mais à escolha da profissão? Êle não tem muito tempo para refletir; enquanto se prepara para o exame de madureza tem "outras ocupações" e, entre estas e a abertura das matrículas na universidade, há as férias maiores do verão, em que as faculdades reflexivas são absorvidas no gôzo e na alegria da liberdade, na fruição do merecido descanso.

Eis aí uma lacuna que deverão cobrir aquêles a quem se dirige esta publicação: faz-se mister ainda um conselho acadêmico da profissão. Certamente que se esforçam os mestres de preparatórios assim como as organizações católicas juvenís por aconselhar o jovem estudante e iluminá-lo em suas disposições. E já tem havido mestres de preparatórios que souberam compreender o seu discípulo e que o puseram no seu caminho verdadeiro. Mas é preciso não esquecer que cada qual é competente no próprio ramo. O professor, por exemplo, de preparatórios, reconhecerá em conseqüência, fàcilmente e justamente, as tendências dos seus alunos no ramo das ciências filosóficas, mas lhe poderia faltar capacidade para descobrir

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

os requisitos da jurisprudência e, mais ainda, os da teologia e da medicina.

Não é por isto coisa fácil para o ginasiano conhecer a sua vocação. E o que visamos em todo êste nosso trabalho é iluminá-lo e ajudá-lo para bem seu e de tôda a nossa classe médica, pois os ineptos, completamente ineptos que nô-la enchem, já são demasiados!

Mas isto não quer dizer que o jovem se deva sub-estimar, assim como também não deve super-estimar-se. O que deve neste caso fazer é acalentar a disposição de pedir conselho aos mais velhos e competentes, que o podem dar. Vale isto para as qualidades intelectuais, mas ainda mais vale para as do caráter. E neste ponto temos nós os católicos uma vantagem indiscutível. Já a prática de nossa religião nos obriga ao exame de nós mesmos, se é que não queremos considerar a confissão como uma fórmula vazia. Assim, no momento em que necessita de conselho o jovem que efetivamente quer conhecer-se, tem êle à disposição o próprio confessor ou o professor de religião do colégio.

Não devemos, enfim, esquecer a grande palavra do Evangelho: "Pedi e recebereis, batei e abrir-se-vos-á". Aquêle que em busca de luz se volta para Deus, jamais deixará de ser ouvido.

É, portanto, com todos os meios da natureza e da graça que devemos procurar conhecer a pró-

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

pria vocação e é esta a maior das obrigações que incumbem a um jovem que verdadeiramente se sente cristão.

Se nos primeiros meses, ainda, de universidade, descobre o estudante de medicina que não é apto para tal estado, deve incontinênti providenciar mudança de carreira. Quem não sentir coragem suficiente para interromper os estudos e para passar para outra faculdade, arcará um dia perante o próprio Deus, perante os homens e perante a própria consciência com a tremenda responsabilidade de uma vida falha.

2. Trabalho de formação.

Não nos deve induzir em êrro o título acima. O trabalho para a plena consecução do ideal do médico católico não se restringe a êsses poucos anos de universidade; ocupa, inteiramente, uma vida humana e só atinge o seu cabal complemento com a passagem desta vida para a eternidade.

O tempo em que se fazem os preparativos e em que se põem as bases dêste trabalho de formação, que será tão longo como a vida, são precisamente os anos de universidade. Como motivo dirigente para êsses poucos anos indico aquela qualidade que no capítulo precedente já apresentei como particularmente própria da profissão

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

médica, a saber, o sentimento do dever. Ainda desta vez, portanto, e sempre: o dever. Dever, como cristão, de viver segundo Cristo; dever, como médico católico, de conformar-se à missão sanativa do divino Mestre e de a tal escopo dirigir tôdas as suas ações; dever, enfim, como cultor da medicina, de adquirir todos os conhecimentos que lhe são indispensáveis, e tôdas as habilidades profissionais.

Mas não queremos dar exagerada importância a uma coisa que deve ser, de si, simples e natural. Não se creia o médico católico um herói simplesmente porque, melhor do que os outros, se desempenha de sua profissão, mas envergonhe-se se se reconhece inferior aos colegas no mesmo desempenho.

Considere, portanto, simplesmente o estudante a sua incumbência, enquanto cursa a universidade, como estrita obrigação sua. — Objetar-me-ão que a vida, tão bela e rica, especialmente nos anos da juventude, se tornará, de acôrdo com estas normas, nada menos que sombrio e rígido dever... — Oh, de certo que não! A vida é um dom de Deus, e como tal deve ser estimada. Fruímos nós, os cristãos, sincera e plenamente de tudo o que de belo nos oferece a vida; mas o prazer perfeitamente lícito e perfeitamnte justificado não deve invadir o campo do dever. Há tempo e lugar para tudo: portanto, comedimento em tudo, e em tudo discrição.

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Ao ingressar o estudante de medicina na universidade, uma dúpla ordem de obrigações se lhe apresentam, que são as mesmas que em tôda a sua vida lhe farão companhia. A primeira é a que a mesma escola representa: a aquisição dos conhecimentos para a sua futura profissão. Em outras palavras: aplicação ao estudo. Mas enquanto muitos se aplicam ao estudo para passar de ano e enquanto, para isto, se valem de todos os meios mais ou menos ilegais com o fim de acabar depressa e ser alguém, não pode o jovem católico descer a êste nível nas suas aspirações com respeito às matérias científicas que deverá aprender. Se tem paixão por êsse estudo que de antemão escolheu — o que, como dissemos, é qualidade indispensável — não se contentará de sòmente saber de memória: dir-lhe-á o seu próprio sentimento do dever que não basta ter estudado a matéria: é preciso dela se compenetrar, para que lhe seja vivo e perfeito instrumento de sua futura missão.

Esta intenção e êsses propósitos devem acompanhar o jovem matriculado na universidade; mas logo nos primeiros meses correrão risco de se desvanecerem e de serem esquecidos. A novidade do estudo, a liberdade mesma de tôda a vida universitária pode oferecer ocasião à tentação do ócio, a não ser que as difíceis condições de vida do estudante o obriguem ao estudo. Não há, entre os universitários, tests nem tarefas ou exercícios,

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

não há, durante o ano, exames e provas; parece até a freqüência das aulas não é controlada, não o sendo, de fato, em algumas grandes universidades, em que é grande o número dos alunos.

Por outra parte a matéria de estudo dos primeiros anos parece, quase, relativamente mais simples do que a materia de exame dos ginásios e liceus. Assistir à aula e ouvir, são coisas que não deixam de ser cômodas e, ademais, os exames estão longe... Ajunte-se a isto o exemplo dos companheiros que (coisa natural do seu ponto de vista) não querem tornar a sua vida mais difícil do que é necessário.

Ora bem, é precisamente neste primeiro ano de medicina, relativamente mais fácil, que se há de adestrar no estudo o estudante de sentimentos verdadeiramente cristãos; e tempo não é o que lhe falta, uma vez que ainda o não assoberbam a febre dos exames e a necessidade de decorar a sua matéria. Se perde, conseqüentemente, êste tempo precioso, adeus minhas encomendas! E o que é pior é que a errada técnica de estudo dos cursos teóricos se continuará ao depois nos cursos clínicos, quando o estudante começa a tratar com os doentes: matéria de exame é o que lhe serão então os seus pobres enfermos; e nem quando médico deixará de considerá-los assim.

Longe de nós o pretender apresentar uma espécie de vade-mecum para o estudante católico;

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

escaparia isto aos limites que nos traçamos neste livro e, de mais a mais, poderá, quem souber pensar e querer, forjá-lo por si próprio. Apenas pretendemos apresentar aqui um como princípio geral.

Deveria nos primeiros tempos o estudante empenhar-se em adquirir aquela largueza e profundeza de vistas que abrange e perscruta as ciências naturais. Aprender só o que é estritamente exigido nos exames restringe o pensamento individual e faz com que, por assim dizer, se enferruge o estudante, de modo a não cuidar de outra coisa que não seja o saber responder de alguma maneira a esta ou àquela pergunta de exame (que, aliás, não são assim tão independentes entre si e destituídas de nexo como julga o estudante). Oh, isto é simplesmente inadmissível!

Quem não aprendeu a pensar cientificamente, não pode fazer bem em sua profissão; depressa se esquece o homem daquilo que aprendeu puramente de memória. Mas para quem adquiriu uma larga compreensão dos fatos e aprendeu a interrogar a natureza, de todo indiferente lhe será recordar um pormenor qualquer que o fêz brilhar no exame, porquanto com o próprio descortino intelectual e com prudência remediará os defeitos de memória; ademais todo o seu pensar e agir em relação aos seus doentes será constante, ativo, individual e bem dirigido ao seu fim. Aquí também,

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

de novo nos encontramos com a obrigação de sempre tender ao melhor.

Compreender a matéria de estudo que foi explicada e assimilá-la, pensá-la com pensamento próprio é, em germe, aquilo que chamamos pensar cientìficamente; e o estudante católico tem o dever de arribar a estas paragens tanto quanto as suas qualidades intelectuais o permitirem.

Poucas coisas nos são tão necessárias como cientistas católicos de valor. Mas no nosso ramo de estudo — que poderá, de início, parecer completo ao estudante — há uma multidão de coisas que seria preciso investigar, precisar, penetrar.

Perante uma literatura pseudo-científica abundantíssima, ressalta para nós, médicos católicos, a obrigação de fazer alguma coisa de melhor, de levar à nossa profissão um saber profundo, bem fundado em suas bases, e juntar a própria contribuição à experiência comum, enquanto as próprias fôrças o facultarem.

Deverá o estudante, igualmente, procurar a aquisição — e isto logo nos primeiros meses — de uma certa habilidade e desembaraço de mãos; e isto não só para dizer que cumpre com os vários exercícios prescritos e para ser classificado, mas também para poder dispor da habilidade necessária à futura profissão. Isto não quer dizer que depois será necessário tudo o que se aprende nos exercícios prescritos; quer dizer que será sempre

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

preciosa habilidade êsse desembaraço de mãos e demais habilidades — coisas preciosas no manejo dos aparelhos técnicos que se tornam de todo inúteis desde que não sejam convenientemente manejados.

Desde o princípio é bom observar uma outra coisa, uma vez que o mau costume nesta matéria é depois tão difícil de arrancar! Trata-se de uma qualidade que acompanha a fineza do trato e que tem também importância moral: quero falar da limpeza, do asseio. Péssima influência neste sentido exerce a sala de autópsia, que pode dar origem a hábitos bem indignos, se o estudante não se lhes opõe com o respeito devido a si mesmo e aos outros. Deve por isto o estudante habituar-se desde o princípio ao maior asseio possível quer na sua pessoa quer nos trabalhos que executa, porque de outra forma jamais possuirá os conceitos de higiene e de assepsia que são tão necessários, não sòmente para úm consciencioso cuidado da própria saúde, mas também, e isto de modo especial, no cuidado dos seus doentes. É a lei cristã: respeito por si e pelos outros.

Além disso, há uma experiência que sempre se pode fazer, com respeito aos mesmos estudantes: aquêles que têm pouco cuidado do asseio, que indiferentemente manejam qualquer imundície e quaisquer fezes, que deixam criar sujeira nos utensílios do laboratório, que com a roupa ainda

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

suja do trabalho saem à rua, e até se sentam à mesa, êstes, digo, são também aquêles que pouca sensibilidade têm no que respeita à pureza de sua alma.

Em conclusão, o modo com que o estudante se comporta em tôdas as suas ações é um espêlho de sua vida interior. E se aqui apenas largos traços lançamos é porque estamos persuadidos de que a atividade exterior e a vida interior estão entre si tão intimamente ligadas que quem encontra o fio condutor, fàcilmente se apodera do restante.

O segundo ciclo de estudos médicos, ou seja os estudos clínicos, são já um ensinamento prático para a vida e, como tal, em grande conta os devem ter os estudantes católicos. Também aquí não se trata de preparação para exame: trata-se de adquirir a necessária habilidade. Deveria por isto o estudante esforçar-se não sòmente para aprender e dominar inteiramente a matéria de ensino, mas também para conhecer o homem doente; deveria, para tanto, observá-lo não sòmente durante a lição, mas também fora dela. E isto não só no intento de colaborar com a mesma lição, mas também para se ir exercitando em pensar e ver com certa independência. Seus erros eventuais serão retificados pelo ensino dos mestres e, longe de serem nocivos, representarão uma nova fonte de conhecimentos.

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

São estas as exigências de caráter espiritual nos primeiros meses de estudo do jovem católico, para não falar nas outras comuns a todos os estudantes e igualmente indispensáveis, a saber, a diligência do estudo e a freqüência das aulas; e há, finalmente, as exigências morais. Ora, o jovem que se prepara para ser um dia médico, e que pretende ser médico católico, não pode ignorar, desde os seus primeiros passos na carreira, a dívida que contrai para com os doentes.

Já falamos em outro lugar de quanto seja desagradável a muitos doentes mostrarem-se durante a lição ou a aula prática e servirem de matéria de ensino. Tem o estudante o dever de se lembrar disto e, seguindo exatamente as indicações do professor na visita do paciente, deverá tratá-lo com tato e delicadeza e evitar tudo aquilo que poderia aumentar o seu sofrimento ou a sua agitação; não se aproveitará, finalmente, do doente complacente, e cuidadosamente se guardará de tratar menos gentilmente o doente que se lamenta ou se enfada. Isto especialmente nas visitas ginecológicas ou obstétricas, e tôdas as vêzes em que a visita se puder tornar dolorosa deverá, mediante a habilidade manual, que procurará adquirir desde o princípio, fazer o possível para reduzir a dor ao grau que melhor fôr suportável.

Deverá, ainda, nestas visitas, ter um cuidado meticuloso do próprio asseio pessoal. Coisa in-

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

digna e intolerável é que um estudante se avizinhe do leito doente ou da mesa de visita com unhas sujas, mesmo que o não note o docente presente, e o não convide a uma visita ao próximo lavatório!

Se, durante os primeiros semestres de prática clínica, tiver o estudante compreendido que sempre e em tôda a parte deve comportar-se com recato cristão perante o doente, também em outras ocasiões particulares, que não é possível mencionar aquí, mas em que o verdadeiro "tato do coração" lhe será conselheiro, jamais esquecerá aquêle importante preceito, caro mesmo a grandes médicos: *Primum non nocere.*

Exprime isto todo o respeito devido ao doente, à sua vida, à sua dor, e bom será que o estudante, já desde os primeiros tempos de universidade o escreva no seu brasão.

Venhamos agora às obrigações que contrai o estudante católico em sua vida de universidade, e que a mesma universidade não ajuda a conhecer nem a cumprir. Grande maioria, entre estas obrigações, é constituída por aquelas em que o estudante não pode contar senão consigo mesmo e com o seu Deus. Falamos de sua formação interior, que sem demora deve começar. Muito haveria que dizer aquí das relações do estudante com os seus companheiros, relações estas que todo estudante deseja e que é justo que procure. É excusado dizer que é em associações católicas que o

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

estudante católico deve entrar. Já fazem muito as associações universitárias católicas para a formação religioso-moral dos seus sócios, mas isso não basta: é preciso portanto que saiba o estudante católico que é por si mesmo que êle se deve formar e que certamente poderá encontrar fora dali uma ajuda, se êle a procurar sèriamente. Naturalmente que a primeira coisa que ocorre é manter-se fiel aos meios da graça que a Igreja lhe proporciona, mesmo que se sinta como que transplantado para um meio de coisas de todo novas e insólitas. Logo que lhe fôr possível, não deverá deixar de se colocar sob a direção de um confessor. Esforçar-se-á com a sua ajuda para, como todo bom cristão, alcançar as virtudes, extirpar os defeitos e desenvolver as suas principais tendências espirituais. Não é êste o lugar de tratar de tais assuntos; quis, entretanto, mencioná-los, quais premissas e fundamento indispensável a quem se prepara para ser um bom médico, e que portanto deve, desde o comêço, procurar reproduzir em si próprio o ideal profissional.

Enquanto não existirem associações profissionais puramente católicas, deverá por si mesmo procurar o caminho, assim como a necessária formação de consciência nas questões médico-morais — coisa que talvez seja o que de mais importante pode haver para um estudante de medicina. Prestar-lhe-á neste ponto apreciável ajuda uma instru-

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

ção religiosa mais completa e uma bem segura base filosófica. Também para isto poderá receber do seu mesmo confessor conselho e direção de leituras que digam ao caso, e deverá fazer o possível para estar sempre ao par das correntes de literatura religiosa, principalmente daquela que trata de questões atuais. Não me refiro à chamada literátura de devoção, ainda que se possa encontrar coisas adaptadas e úteis aos estudantes universitários. Refiro-me a livros que tratem de teologia, de moral, de ética, de metafísica, etc., especialmente no campo médico.

Deve interessar-se também o estudante, como membro vivo da Igreja, por tudo aquilo que faz parte de sua vida, ter conhecimento das encíclicas papais que recentemente trataram assuntos atinentes à profissão médica. Deve estudar as correntes do seu tempo, especialmente no que diz respeito à fé e costumes, assim como tudo aquilo que é contribuição para a própria cultura, e para a formação específica da sua consciência médica. Numa palavra: a doutrina dogmática e moral da Igreja Católica, e tudo o que diz respeito ao campo científico e médico, deve ser conhecido e estudado por quem deveras deseja ser médico católico.

Útil lhe será fazer parte das associações médicas de S. Lucas, onde as houver, e ler as suas publicações que expliquem e tratem, precisamente, as diversas questões médicas. Em tais associa-

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

ções, também, e enquanto não houver uniões profissionais católicas, terá boa oportunidade de conhecer os seus coetâneos, igualmente estudantes de medicina e católicos convictos. No que se refere à vida prática, não deixará de ocupar-se em obras de caridade cristã, no tempo livre que eventualmente lhe sobrar. Já o mesmo hospital lhe será uma boa escola de caridade para com o próximo, mas também será útil que, fora dali, logo possa tomar conhecimento das necessidades que muitos passam, assim como das suas misérias.

Procurará possuir o senso social, deverá conhecer os modos e os meios com que o Estado e as associações privadas procuram aliviar a indigência. Seja que se ocupe de um secretariado, ou asilo para crianças, ou refeitório para pobres; tudo, essencialmente, é a mesma coisa; mas melhor lhe seria trabalhar em uma obra que se relacionasse com a sua futura profissão. As estudantes é para as obras de assistência feminina que se deveriam voltar, não já por exagerados receios morais, mas porque mais tarde, como doutôras, serão especialmente chamadas para casos femininos, e porque tais obras despertam nelas o senso materno. Será o quadro paroquial, se possível, o local do desenvolvimento dessas atividades sociais, pois representa essa viva família de Cristo em que todos devem sentir-se membros... Deve o estudante conhecer intensivamente essa sua vital per-

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

tença ao *Corpus Christi mysticum;* é um conhecimento indispensável especialmente ao médico que se sente fàcilmente inclinado, na sua mesma profissão, a caminhos seus, individuais.

E' pelo mesmo motivo que tôda a vida espiritual do estudante de medicina se deve desenvolver no ritmo da vida litúrgica da Igreja, não sòmente porque se adaptam especialmente as orações litúrgicas à cultura universitária, mas também porque, e muito mais, a contínua — ou ao menos sempre renovada inserção individual na obra da Redenção, que a S. Igreja exprime cada dia na liturgia da Missa, é capaz de levantar o homem àquelas alturas e àquela perfeição pela qual êle trabalha, opera e vive "para que Deus seja sempre e em tudo glorificado" por Cristo, por Êle e n'Êle.

E' coisa que desde o início se deve aprender: anatomia e patologia, sim, mas também "o caminho estreito que conduz à vida" deve ser percorrido palmo a palmo. Por mais áspera que pareça, está à altura de quem quer ser forte e serenamente um verdadeiro sequaz de Jesus Cristo.

3. Passagem à maturidade.

Uma vez concluído o ciclo universitário, fazia outrora o estudante o seu juramento, e êste êle o repetia quando da imposição da láurea.

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Ainda vigora êste costume na Áustria.

Ora, examinemos, pelos reflexos práticos que apresenta, essa fórmula de juramento em vigor nas universidades austríacas, e que consta do seu formulário (fórmula n.º 106). Depois da promessa introdutiva, que faz o estudante, de sempre honrar a sua universidade e de lhe dar o apoio de tôdas as suas fôrças, um professor, dirigindo-se ao laureando, e na presença do Reitor Magnífico e do Presidente da Faculdade, pronuncia a fórmula que segue:

"Dein honorem eum quem in vos conlaturus sum integrum incolumemque servaturos neque unquam pravis moribus aut vitæ infamia commaculaturos; postremo doctrinam qua vos nunc polletis cum industria vestra culturos tum omnibus incrementis quæ progrediente tempore haec ars ceperit aucturos, usum et facultatem vestram ad salutem et prosperitatem hominum studiose conversuros, denique cunctis officiis quæ probum medicum decent ea qua par est humanitate erga quemcumquae functuros esse."

Conservar imaculada a honra da profissão! De quem se poderia esperar melhor compreensão disto, senão de um verdadeiro cristão? Mas o que é que acontece na prática?

Existe por tôda parte o sentimento da honra da profissão: mas não acontece o mesmo com re-

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

lação à pureza ilibada. E' uma concepção esta assaz relativa, e ameaça de sê-lo ainda mais, enquanto que para o homem sincero e, sobretudo, para o cristão deve tal pureza ser um conceito absoluto. E' evidente que uma coisa ou é branca, ou o não é. Quando se diz que uma coisa qualquer é "ainda branca", na realidade o que se pensa é que já é cinza. O mesmo se diga dessa "pureza ilibada".

Seria coisa estéril a pura e simples crítica; o que importa é explicar por que êste senso de pureza ilibada está quase perdido em nossa profissão. Assim, conhecendo-a, melhor se poderá enfrentar a dificuldade.

Em parte é isso efeito de causas puramente naturais. Não se fala hoje em dia senão da precária situação econômica, especialmente para o médico. E' esta, certamente, (como sempre o foi) uma causa do enfraquecimento do senso da honra e isto em tôdas as profissões e em todos os estados. Entretanto, na do médico, esta causa dá-se ainda mais evidentemente a conhecer, mesmo do leigo que, é verdade, nem por isto deixa de prestar ao médico a homenagem do seu profundo acatamento. Sem dúvida que é uma causa muito humana, e que sempre exigirá as suas vítimas enquanto o mundo não constar ùnicamente de santos. Mas para o verdadeiro e sincero cristão essa precária situação não deve ser motivo para o en-

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

fraquecimento do senso da honra; nêle, com efeito, funda-se o senso da honra em outras bases que não em bases puramente naturais.

Uma outra causa está no número dos que procuram o grau de doutor em medicina. E' extraordinàriamente elevado em comparação com o dos tempos que precedem (não falando na idade média nem na antiguidade): o doutor, antigamente, se erguia da massa; hoje é parte da mesma massa. Na humanidade desaparece na massa o sentimento de si mesmo e, estreitamente ligado a êsse sentimento, desaparece também o senso da honra. Nivele-se em quantidade um dêstes sentimentos, logo se nivela o outro. Freqüentemente chamam a isto, com certa indulgência, fazer concessão ao espírito dos tempos. Palavra vazia, pela fraqueza e instinto terreno que está traindo.

Mesmo o estudante de medicina depressa se vê reduzido a tal condição. Festejado na sua família e no círculo dos seus amigos estranhos à medicina, como alguma coisa de extraordinário, êle tem ainda o sentimento de si mesmo em sua própria elevação — justificada, aliás, pelos trabalhos que acaba de levar a cabo, e agora autenticada —; mas êste sentimento desaparece no hospital, no círculo dos seus colegas, cujos sentimentos êle se vexa de não igualar; e pode degenerar em soberba e vaidade.

Em qualquer hipótese o prejuízo é do senso da honra.

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Alicerces mais profundos, porém, que um puro conceito humano — como já acenamos — devem ser os alicerces do sentimento de si mesmo e, com êste, o senso da honra do estudante cristão de medicina.

Isto compreendido em tôda a sua extensão e profundidade pelo estudante cristão, o levará fàcilmente aos sentimentos de Pedro quando, maravilhado da abundante pescaria que acabava de fazer, disse ao Senhor: "Afasta-te de mim. Sou um homem pecador".

Sim, somos homens. E nisto não reside sòmente a nossa inteira pequenez; reside também a nossa completa grandeza, pois Deus Nosso Senhor estende ao homem a sua mão e o levanta até altas cumieiras, sendo as do médico as mais elevadas de tôdas. Médicos cristãos, vemo-nos guindados, perante os demais, às alturas de uma profissão a que sòmente o sacerdócio leva vantagem.

Haverá algum motivo de maior pêso que êste para manter fúlgida e sem mácula a própria honra de médico?

O conceito da honra profissional — seja dito em louvor da profissão — trazem-no presente, senão todos, pelo menos muitos médicos. Mas é muitas vêzes tomado em sentido por demais restrito, por demais humano, e por isto é também tomado em sentido por demais exterior a responsabilidade externa de tal honra. Pode, perante

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

os homens, ser atenuada a responsabilidade, pode ser desvirtuada, pode ser cancelada. Mas, perante Deus, jamais!

4. A vida.

A vida que após a formatura começa para o médico católico é um vir-a-ser, não é um ser. Se isto vale para a arte médica, que é um contínuo aprender, quando conscienciosamente exercida, ainda mais vale para a formação interior de quem quer que queira ser verdadeiro sequaz de Cristo, para o aperfeiçoamento de nossa personalidade, para a consecução do ideal que colocamos diante dos nossos olhos. Quem é que poderá dizer de si mesmo: "eis-me de posse da perfeição?" Dizem-no sòmente aquêles que não sabem o que significa perfeição.

Sòmente o Filho de Deus pôde exclamar: "Tudo está consumado" (executado, cumprido). Nenhum homem, e menos que ninguém o médico, o poderá dizer de si mesmo, uma vez que a profissão que adotou, tão cheia de responsabilidades, o expõe a tôdas as dificuldades da vida, a perigos físicos e morais, às culpas e surpresas que lhe são inerentes. "Quem está de pé cuide de não cair". Vigilante se há de estar para que não aconteça o que aconteceu a Pedro quando, presumindo de-

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

masiado de si mesmo, renegou ao seu Mestre. E não basta evitar a parte negativa. E' indispensável esforçar-se no sentido positivo de um trabalho em que não há descanso para o homem — que é finito, mas destinado ao infinito.

Desde o dia de sua formatura não devè perdê-lo de vista o jovem médico; é dever seu começar êste trabalho desde o momento em que por primeiro pisa uma sala de hospital ou de clínica, uma vez que então tem para êle início uma atividade que ocupa a maior parte da vida de qualquer médico, isto é, o exercício, a prática da profissão.

Além das observações de ordem geral que vimos indicando, permita-se-me fazer ainda uma ou outra acêrca da prática da profissão. Há de habituar-se o médico a ver no seu paciente, acima de tudo, o homem doente. Já vimos que isto não é fácil, não só devido à rotina que nasce da repetição de cuidados idênticos em um apertado espaço de tempo, mas também, e especialmente, porque o médico de sentimentos cristãos muitas vêzes fica isolado no meio dos seus colegas. Há um perigo que mesmo para êle pode surgir: deixar-se dominar por uma certa infecção psíquica que só fala de material enfêrmo; é um perigo freqüente nas clínicas em que o doente serve como que de material de estudo e de observação. Não se impressione, porém, o jovem médico, e saiba que

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

entre os seus colegas e superiores muitos há cuja bondade natural e cuja benevolência é literalmente sufocada pelo trabalho demasiado. E outros há que experimentam uma certa repugnância, aliás justificada, de parecerem sentimentais juntos ao leito dos doentes — coisa que, mesmo para o doente, pode não ser um bem. Procure neste caso o médico católico, com tato e prudência, o caminho mais justo. Subentende-se que deve aprender no seu doente. Mas o modo com que o faz é que tem importância. Para o bem do paciente e para que não sofra dano algum, há prescrições gerais, e a responsabilidade é dos dirigentes; mas nas coisas mais particulares e detalhadas também o joven assistente tem a sua responsabilidade. Será incumbência especial sua aliviar os sofrimentos e perturbações do paciente — contanto que não sejam efeito de nervosismo ou de capricho. Mas não esquecerá que, às vêzes, um aparente nervosismo pode ser efeito da mesma enfermidade; será, neste caso, calmo e paciente, e ao mesmo tempo firme.

Os responsáveis perante a lei, nesses trabalhos, são ainda os seus superiores. Ser-lhes-á, em conseqüência, obediente, e não só pelo motivo alegado, mas também porque, como cristão, tem o dever de respeitar a autoridade. E mesmo que ninguém observe o regulamento do hospital, êle o observará. Assim, pois, jamais esquecerá que

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

diante de Deus, se não também diante dos homens, lhe cabe a responsabilidade de qualquer descuido e negligência que venha redundar em prejuízo do doente.

Muita influência pode ter o médico de hòspital nas necessidades espirituais dos doentes, pois contìnuamente os tem diante dos olhos, enquanto o médico de livre profissão sòmente de fugida os vê nas visitas à sua casa ou na ambulância.

Tem assim comodidade para melhor os observar, e assim poderá aproveitar a ocasião de aguçar as próprias faculdades de observação, no sentido estritamente médico. Alguma vez, com prudência, observará também o seu doente nas horas de visita, quando cercado dos parentes e dos amigos. Êste olhar ao circulo social dos seus pacientes lhe será útil até no futuro e lhe permitirá conquistar a confiança dos doentes, sugerindo-lhes algumas vêzes palavras gentis ou algum pedido que proporcione prazer. E tudo isto lhe abrirá a porta para uma preciosa ajuda espiritual quando o seu doente dela necessitar. Não pequena influência terá aquí o exemplo. Pouco nota, o jovem médico de hospital, o modo com que é observado pelo paciente, absorto como está na sua nova incumbência; o seu estado físico, entretanto, e mesmo o seu estado moral não poucas vêzes reage perante as manifestações, talvez impensadas, do médico, causando ora exitação e temor, ora

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

alívio e coragem. Hoje em dia vê o povo, geralmente, no médico, uma pessoa culta que, como tal, nada sabe e nada quer saber de Deus.

Tem o médico católico o dever de iluminá-lo, persuadindo-lhe a própria cultura e, ao mesmo tempo, a sua viva fé em Deus. O efeito é muitas vêzes surpreendente. E o doente, edificado e profundamente comovido, deparará aberta a porta que o reconduzirá a Deus. Nos lugares em que há uma capela anexa ao hospital, fará bem o jovem médico em nela assistir à Missa festiva, e também em aproximar-se de vez em quando dos sacramentos. Usará de maneiras respeitosas e gentis no trato com o capelão, quando mais não fôsse para confortá-lo pelo desprêzo e hostil indiferença com que o tratam os que lhe são adversos. Não é preciso dizer que, avizinhando-se o perigo de morte, imediatamente disso o fará sabedor para que os parentes e o pessoal do hospital providenciem para que ao doente sejam ministrados os últimos Sacramentos. Não trepide em avisar pessoalmente o capelão em caso de necessidade. Terá também o médico de hospital mais que o de livre profissão ocasião de batizar recém-nascidos em perigo, ou seja durante ou seja depois do nascimento.

Bom lhe será, por isto, estudar as prescrições especiais do Direito Canônico, e especialmente os cânones 746-748 que tratam de casos difíceis e

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

duvidosos. E' claro que no caso do batismo antes do nascimento, dará à assepsia da mãe a devida atenção.

* * *

E agora uma palavra sôbre a conduta do jovem médico de hospital nas relações com o pessoal e com os seus colegas. Em muitos hospitais é o primeiro dêsses pontos um dos mais dolorosos, apesar de ser importantíssimo para a disciplina e, em conseqüência, para o mesmo bem dos doentes.

Com todos deve ser cortês o doutor, evitando, a uma, dureza e fraqueza; esta última é, particularmente, uma porta aberta a essas relações, que jamais deveriam existir, entre médicos e enfermeiras.

Tenha o jovem médico bem presente que aí se encontram enfermeiras de muito diversos valores morais. Cultivar relações amorosas com umas ou com outras é coisa de todo indigna, sobretudo para um cristão. Nem deveriam ter lugar no hospital, durante o serviço, relações com escopo de matrimônio, devendo manter-se os noivos em seções diferentes.

E será necessário falar também da moral sexual do médico? Na verdade não difere da do cristão de qualquer outra profissão — a não ser nos perigos e tentações, que são maiores para o

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

médico, coisa que deve sempre ter diante dos olhos e que o fará vigiar sôbre si, pois o seu mau exemplo seria de mais graves conseqüências que o de qualquer outra pessoa. A sua mesma atitude para com as colegas, médicas também, seja natural, de bom camarada, e absolutamente reservada. Não pense, por sua vez, a doutôra, em *flirt* durante o serviço, pois isto lhe é vedado pela mesma nobreza de sua profissão e pelo respeito que deve aos doentes. Quanto às relações amorosas, vale o que fica dito acima, a respeito das relações de médicos e enfermeiras. Entretanto, no caso presente, não há impedimentos disciplinares, uma vez que se trata de um noivado a todos manifesto e honroso, em igualdade de classes.

Deveriam basear-se as relações entre os médicos em uma camaradagem sincera, onde não houvesse lugar para essa mesquinhez de ânimo e, pior ainda, essas táticas da malícia humana que visam abrir caminho, entre os demais, à própria vantagem. Não há dúvida que cada qual deve empenhar-se por tomar a dianteira, não, porem, à custa dos colegas. Cumpre ser leal em tôdas as coisas. E mesmo que o médico católico não possa em tudo manter-se concorde com os outros, mantenha a sua posição corajosa e sinceramente — e ao mesmo tempo, também, sem manifestar um certo despeito; e se não fôr uma convicção corajosa a sua convicção, permita-me que o aconselhe

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

a ir-se esconder, quanto antes, ao colinho da mamãe... Mas também não deve mostrar-se maçante nem tornar antipática a sua pessoa ou as suas crenças. Mas, ao dizer isto, bem vejo que não são os cristãos que merecem tais palavras, sendo que sòmente a cristãos eu tencionava dirigir-me.

Há uma coisa que é preciso decidir logo, durante o primeiro ano de prática de hospital: é a orientação que futuramente tomará a sua carreira, pois todo aquêle que sente tendências para uma especialidade qualquer e que pode aplicar-se à necessária formação deve, sem mais, empreendê-la, pois isto faz parte do desejo de melhorar e de oferecer sempre maior e melhor rendimento. Poderá apresentar-se ocasião de encaminhar-se para o ensino universitário — e isto seria uma ótima orientação a ser tomada pelo médico católico, uma vez que para ela haja a devida disposição.

Mas o de que nos ocupamos antes de mais nada, é dêsse caso mais comum da prática privada, com ou sem especialização. Então assume o médico a inteira responsabilidade de sua profissão, devendo ùnicamente contar consigo mesmo.

E se lhe coubesse um dia uma função dirigente em instituto hospitalar, maior ainda seria a sua responsabilidade, pois a todos os seus dependentes e colaboradores ela se estenderia. Apresen-

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

ta-se, portanto, a ocasião de dizer algumas palavras bem claras, ainda que desagradáveis.

Viemos até o presente considerando a profissão médica sòmente em seu lado positivo, do ponto de vista cristão, e mostrando ao médico católico o que é que êle deve ser. Não tiveram, entretanto, lugar nesse quadro que pintamos essas sombras profundas que enlutam a profissão médica dos nossos dias.

A cada passo deparamos na nossa experiência diária com médicos íntegros, incapazes de mover um dedo para auferir lucros em práticas desonestas e que, não obstante, prestam-se a intervenções moralmente proibidas, no intuito de ajudar aos seus doentes. Isto fazem até médicos católicos que se julgam autorizados, em casos especiais, exatamente porque lhes falta a necessária formação de consciência. Não me é possível tratar aqui tão complexa questão. Dela, aliás, se ocupa abundante literatura. Interesse-se a respeito o médico católico, adquira os necessários conhecimentos que lhe serão de ajuda nos casos dúbios. (2)

Essas questões — "questões" não, mas axiomas graníticos da moral natural e cristã — as expomos do modo mais simples.

O quinto mandamento da Lei de Deus é: "Não matar".

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

e por isto quem sufoca no mesmo seio materno o fruto de vida, não importa por que motivo, mesmo que seja para salvar uma outra vida, a saber, a vida de sua mãe, incorre em culpa contra êste mandamento e se torna réu de homicidio, uma vez que o feto, desde o instante de sua concepção, é já um ser humano. Pode parecer dura uma tal afirmação, especialmente para o médico que vê cotidianamente os sofrimentos de sua paciente, mas é uma afirmação exata e bem fundada em todos os seus aspectos. E ajuntemos ainda, referindo-nos à primeira parte, que em muitos casos, outrora considerados desesperados, achou meios a ciência humana de salvar a criança conservando ainda a vida de sua mãe. E' incumbência da ciência cristã encontrar remédios eficazes para os poucos casos que ainda restam por resolver.

Vale tudo isso, também, para essas outras indicações sociais e eugênicas (que é como as chamam) que visam a supressão do fruto — desde que não sejam simples extravagâncias, indignas da consideração de um médico sério. Há necessidade de melhorar as mesmas condições sociais e eugênicas, mas não é no aniquilamento das vidas humanas que há de consistir o remédio. Deve o médico católico exercer de modo positivo a sua influência em tais chamados, enquanto lhe fôr possivel, e não sòmente recusando intervir,

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Nas questões especiais que se apresentam mesmo depois das mais claras fórmulas, tal como a atitude a tomar nos casos de gravidez extra-uterina, no caso do abôrto chamado indireto, etc., a obrigação do médico cristão será instruir-se quer no que diz respeito à parte médica quer no que diz respeito à parte moral e teológica.

E passemos agora a uma questão mais moderna, a saber, à chamada *eutanásia*, isto é, o abreviamento da vida, por intervenção do médico, e a pedido do doente quando incurável, e de sofrimentos exacerbados, que o pedissem. Um tal proceder está igualmente proibido pelo quinto mandamento, pois sòmente a Deus cabe fixar os limites da vida humana. O que, ùnicamente, pode fazer o médico é tentar aliviar os sofrimentos; e, às vêzes, será a sua compaixão humana sujeita a dura prova. E' o caso de então nobilitar, sublimar a sua compaixão, orientando-a para a alma do doente que, em cada uma de suas dores, em cada minuto de vida pode obter muitas graças e talvez a própria salvação para a eternidade. E' necessário, por outra parte, que o médico use com parcimônia os remédios que podem obtenebrecer a mente do doente, ao menos enquanto não receber os últimos sacramentos ou enquanto houver esperança de persuadí-lo a recebê-los.

Proíbe o quinto mandamento não sòmente o homicídio, mas também tôda e qualquer ofensa

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

material do corpo, desde a simples bofetada até a mais grave ferida. E' evidente que o médico pode fazer operações (que são feridas corporais) tendo em vista ùnicamente a cura do seu doente, e não com outros fins, principalmente em se tratando de mutilações. Também esta proposição é exata e de obrigação. Quanto às operações que mutilam os órgãos sexuais, em uso hoje em alguns países por motivos eugenéticos — que também são proibidos — tempo virá em que a ciência haverá de encontrar métodos diferentes. Nem sempre é o melhor o caminho que parece o mais cômodo, e nem, mesmo cientìficamente falando, é destituído de perigos. Que o diga quem aprendeu a pensar e a trabalhar segundo a verdadeira ciência.

Há um outro mandamento que o médico pôde violar indiretàmente por meio de seus conselhos ou do tratamento ministrado — o sexto. Todo e qualquer conselho ou tratamento que visa impedir a concepção ofende a êste mandamento, que proíbe qualquer relação sexual contrária à natureza.

Igualmente granítico é êste preceito e copiosa é a literatura que lhe é ou concorde ou contrária. E' dever do médico católico conhecer bem esta questão e jamais afastar-se da regra fundamental: quando, por graves motivos, não pode ter lugar a concepção, também as relações sexuais não o podem ter. Neste caso tem o médico a

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

obrigação de agir sôbre os cônjuges em sentido educativo, especialmente sôbre o marido. E esta é a parte positiva do médico católico, que lhe é lembrada pelo preceito negativo que lhe proíbe intervir em atos vedados.

Jamais um médico honesto, um médico direito, encorajará a práticas sexuais fora do matrimônio. Por forma alguma estimulará a sensualidade de quem não é casado, nem fará uso de certas práticas psico-analíticas.

São êstes, em poucas palavras, os principais campos de ação em que deve o médico católico manter-se bem vigilante para subtrair-se ao influxo do ambiente e dos seus preconceitos, assim como às próprias incertezas e a uma mal entendida compaixão. Quanto ao interêsse como móvel de ação, nem sequer merece isto a nossa consideração.

Há, além dos que já acenamos, ainda outros campos de ação em que deparará o médico católico com conflitos morais. A psiquiatria, por exemplo, e particularmente a psicoterapia são dois dêsses campos. Mais que em qualquer outra esfera de ação, tem êle em suas mãos almas humanas, e por isto a sua responsabilidade é bem maior, exigindo que em todo tratamento ministrado tenha em vista a Deus N. Senhor e o respeito que se deve a uma alma. Um outro campo, além dos que já nomeamos, que pode esconder

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

ainda outros perigos, é o da ginecologia. Deverá então usar o médico, para com o seu paciente, do procedimento mais correto possível, se não quer relaxar na sua vida moral.

Não é êste o lugar de falar de outras culpas bem graves que contam com a contemplação do mesmo código penal. Se é verdadeiro cristão o médico, nem sequer certas tentações êle sentirá.

* * *

Voltemo-nos ainda por um momento para a personalidade do médico que vê o seu modêlo no próprio Cristo e que se empenha por reproduzí-lo. Vejamo-lo na vida de cada dia, muitas vêzes nublada e pardacenta, e que afadiga o corpo e o espírito, mas que também é tão bela. Vai em nossos dias assumindo uma nova fisionomia a vida do médico, devido às diversas formas de seguros e previdência que para si exigem muitos médicos. Muito já disseram e muito já escreveram a êste respeito as organizações médicas competentes e muito ainda nos resta que dizer. Mas devemos saber pensar de modo, por assim dizer, científico-histórico: o curso natural de uma onda deve completar-se antes que uma outra possa levantar-se. A nós nos cabe erguer-nos acima da onda para que alguma coisa se salve do naufrágio e para que

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

o fim da liberdade profissional, que nos ameaça, não venha a coincidir com o fim da moral médica.

O médico católico que faz a sua entrada na prática profissional deve saber que entre a sua pessoa e o seu trabalho, por melhor que êle o conceba e por mais conscienciosamente que o exerça, vem intrometer-se a Casa de Saúde, que lhe será, mais ou menos, o seu ganha-pão.

Nesta situação, tão diferente da situação de outros tempos, tanto mais difícil será atingir o ideal de uma profissão que se concebe em sentido cristão, e isto não por alguma transformação que ela sofra em si mesma, — pois o essencial sempre deve manter-se idêntico através de todos os tempos — mas porque as dificuldades do ambiente são diversas e maiores, tal como se dá em toda e qualquer época cultural diversa. Bom nos será, portanto, estudar estas dificuldades particulares.

A primeira é aquela que torna difícil ao médico ganhar o necessário à sua vida. Não quero aqui falar do perigo de desmoralização que impeliria o médico a ações desonrosas e incorretas, mas sim do perigo que pode correr a positiva aspiração do médico cristão. Quando o médico se preocupa demasiadamente com as suas necessidades materiais, há o perigo de o doente lhe parecer um simples objeto de lucro, e lhe faltará a necessária calma e fôrça de nervos para considerar o doente com o olhar de Cristo e do Bom

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Samaritano. E isto é, humanamente até, bastante compreensível. Qual será o remédio eficaz? É simples, mas deve ser objeto de uma conquista. Com isto encerramos o capítulo precedente: *Levavi oculos meos in montes...* É a plena, absoluta confiança no Mestre que diz: "Buscai primeiro o Reino dos Céus, e o mais vos será dado em acréscimo." E não sòmente nós temos o direito, mas também o dever de levar em consideração esta divina promessa. O médico católico que, confiante na divina Providência, mau grado as aparentes dificuldades, leva adiante fielmente a sua missão, pode estar tranqüilo que verá o seu resultado. Não deverá, é claro, pretender demasiado, nem exagerar o conceito do necessário à vida. Já falamos do espírito de sacrifício e renúncia necessário ao médico católico, mas devemos aqui acrescentar que neste sentido se faz mister uma formação não só individual, mas também dos filhos e dos cônjuges.

Os mesmos doentes dão lugar a uma outra dificuldade. Não sòmente o seu número, dado que o médico trabalhe em Casa de Saúde, lhe poderá tornar difícil a obrigação de prestar a cada um a devida atenção e de lhe fazer o apropriado tratamento, mesmo no lado psíquico, mas também a sua condição e as suas exigências lhe poderão criar embaraço. Muitas vêzes os doentes das Casas de Saúde não têm a devida confiança nos médicos,

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

principalmente se já foram objeto de tratamento negligenciado por parte de outro facultativo. Tal negligência não é sempre injustificada. A mesma organização das Casas de Saúde dá lugar a que muitos segurados pretendam tirar tôdas as vantagens possíveis do seu seguro. E o médico é responsável perante a mesma Casa, não sòmente pelas falhas de sua assistência como também pelo exagêro dos seus tratamentos. É, portanto, obrigação sua tratar o doente de modo a lhe ganhar a confiança, recordando a palavra do Salvador: "O que fizerdes ao menor dentre os meus irmãos, a mim mesmo o tereis feito". E, por outra parte, se houver de recusar ou abreviar visitas ou tratamentos, faça-o com firmeza, mas também com bondade e cortesia. Se, finalmente, as exigências da casa fôssem positivamente contrárias à sua consciência médica, saberá o médico católico afirmar com calma inflexível o seu ponto de vista, recorrendo mesmo, em caso de necessidade, às organizações médicas profissionais.

Mas a Casa de Saúde representa apenas um aspecto do novo surto no campo da medicina, perante o qual devemos como católicos tomar a nossa posição. Hoje vai sempre mais tomando a medicina a forma de uma organização social, e o tipo do médico de previdência já está criado. Mas é iniciativa do Estado a medicina de previdência, ou ainda do município e de instituições sociais e

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

de beneficência. Têm tais instituições por escopo assegurar, por meio de tratamento preventivo, a saúde e o bem-estar do povo, especialmente do que habita nos bairros pobres. O tratamento, por exemplo, da gestante, das mães e dos filhos, têm já lugar bem importante nas obras de beneficência e ainda outras coisas se vão organizando. Tem o médico, em tôdas estas obras, a parte diretiva. É evidente que nós, como médicos católicos, não podemos deixar de aprovar todos êsses esforços, tanto mais que em primeira linha têm em mira os mais pobres, os mais necessitados de proteção e de auxílio, os prediletos de Cristo.

É dever nosso, e deverá constituir o mais ardente voto do nosso coração, aproximarmo-nos dessa pobre gente, se queremos ser verdadeiros discípulos do divino Mestre. Também aqui se faz mister saber discernir, pois não faltam lacunas em tôdas essas obras. É uma delas — aqui mais frisante que na Casa de Saúde — que o médico pode parecer um simples funcionário e o seu caritativo trabalho uma simples função burocrática.

Está também aqui a salvação na auto-disciplina. Mesmo o médico dos institutos de previdência, sucessor, na verdade, do médico dos pobres, e que hoje o completa, jamais deverá esquecer-se que o indivíduo de que trata é um seu irmão no Senhor e que tem direito ao seu amor. Não poderá muitas vêzes exercer a sua ação, a não ser

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

fazendo-se esquemático e algum tanto "despachado", e muitas vêzes terá que mandar e remandar. Mas o que sempre terá presente é que a sua missão é de médico e não de juiz, que deve exercer a caridade e dar amor.

Uma outra lacuna: as obras de assistência atuais não têm sempre espírito cristão. Aqui mais, ali menos, são tôdas simplesmente humanitárias uma vez que consideram o homem como se fôsse ùnicamente corpo e como se o seu bem-estar dependesse ùnicamente das condições materiais. Além disso, considerando-se o indivíduo sòmente como uma parte do todo, julga-se que o bem-estar da pessoa sòmente tenha importância em relação ao povo e à prole. É assim que vemos a vida da alma dos doentes absolutamente descurada, sendo ainda, algumas vêzes, gravemente prejudicada, enquanto são, por outra parte, conculcados os direitos que Deus concede ao homem livre.

Mas o médico cristão sempre verá no seu doente o homem inteiro, composto de alma e de corpo, o cristão batizado, agindo conseqüentemente: em sentido negativo, afastando, quanto lhe fôr possível, tudo aquilo que possa prejudicar à alma de seu paciente; e em sentido positivo procurando, com a sua palavra e o seu exemplo, aproximar-se de sua alma e assim aplanar o caminho para a ação do sacerdote. E jamais se poderá prestar-se

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

a tratamentos preventivos contrários ao espírito de sua fé.

Por essa forma poderá sempre mais nobilitar o médico cristão a essas obras de prevenção. A nova geração de médicos é que caberá tomar do timão nessas organizações estatais e influir sôbre as ordenações sanitárias de modo a tudo orientar conforme o verdadeiro espírito de caridade. Só assim se poderão tornar as obras preventivas uma missão nobre e grande como o mesmo Coração do Salvador.

Uma palavra ainda sôbre as organizações profissionais, de que apenas fizemos menção. Grande parte ocupam na vida e na atividade profissional. E o médico católico não pode afastar-se e manter-se inativo. Desde que possa e que lhe não faltem as necessárias qualidades, deve tomar parte ativa no movimento do Estado assim como nas coisas de interêsse geral da profissão médica, pois é incumbência tôda sua levar a público o espírito cristão. Deve unir-se a tôdas as fôrças ativas para impedir a decadência da medicina. Exige dos católicos hoje em dia o cristianismo que não se afastem nem vivam a sua vida em particular, mas que com coragem e energia entrem na luta confusa que ameaça o mundo civil. Uma tímida reserva, fôsse embora sòmente para não sujar as mãos, é hoje vileza e soberba espiritual. Quem se sente fraco e fácil a sucumbir à infecção psíquica

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

das massas, que se mantenha bem longe do combate das fôrças que se opõem; ser-lhe-á mais útil o retiro e o aperfeiçoamento da própria vida profissional.

Para o médico católico, porém, que além de suas atividades privadas ainda desenvolve atividade pública, mais importante ainda lhe é a pergunta de como poderá, em meio à multiplicidade de suas incumbências, manter-se constantemente orientado para o seu *fim* último, para o mesmo Deus, para aquêle "único necessário", como se exprimiu o Salvador, respondendo à queixa que de Maria fazia a afanosa irmã. Esta palavra nos mostra o caminho; o médico católico não assumirá mais trabalho do que é compatível com uma alma que quer trazer em si a plenitude do seu Deus. A isto deve tender com todos os meios que a ascética, os Sacramentos, e a participação da mesma vida da Igreja põem à sua disposição. Sentindo vivamente a sua incorporação no Corpo Místico de Cristo, nada poderá afastá-lo do ritmo de vida que nela pulsa, da fonte divina da Missa e dos Sacramentos, da lembrança vivida da obra da Redenção através do ciclo litúrgico. O médico, que mais que ninguém sofre o pêso dos cuidados que o oprimem e de realidades nem sempre agradáveis de se tolerar, deve poder banhar as raizes de sua alma em uma fonte de energia. Para êle, mais que para qualquer outro, é a oração lifúrgica

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

da Igreja uma quase inexaurível plenitude e beleza, uma fonte de fôrça e profundidade. E assim como concede ao seu corpo períodos de repouso, assim também, a exemplo de Cristo, seu divino Modêlo, haverá de saber encontrar durante o ano alguns dias para dar descanso à sua alma, pensando nas coisas eternas.

Será sòmente assim que atingirá o seu escopo, que aperfeiçoará a sua personalidade, que crescerá até a idade perfeita de Cristo, até o dia em que para êle terá fim o *vir-a-ser*, mudando-se no *ser* do presente eterno.

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CAPÍTULO III

CAMINHOS E FINS MAIS ELEVADOS

1. As Pesquisas e o Ensino Universitário.

Até aquí temos tratado quase que exclusivamente do exercício prático da medicina no sentido cristão, deixando de parte as obras de pesquisa e de investigação científica, assim como o ensino universitário, como se fôssem de somenos importância. Mas, muito pelo contrário, têm importância capital, pois são as bases necessárias de tôda a atividade médica. É portanto justo que lhe demos a nossa atenção considerando-as sob o ponto de vista cristão. Já dissemos que pensar cientificamente é, para o médico, um dever compreendido na obrigação de procurar sempre o melhor para o maior bem de seus doentes; vimos, igualmente, que as pesquisas científicas têm um escopo comum com a atividade curativa, uma vez que vai em busca dos melhores meios para obter a cura e a imunidade.

Numerosos preconceitos há, — numerosos e inexatos, — que dizem respeito ao trabalho de investigação científica, e os há precisamente naque-

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

les que ou dêle não se aproveitam, ou dêle não querem fazer uso. Ora, lancemos um pouco de luz sôbre a questão, pois ainda do ponto de vista de um cristianismo culto e lógico, é importante ter conceitos exatos.

Dentre os que não se ocupam de pesquisas, alguns há para quem a ciência é superior a tudo e infalível; falo naturalmente de médicos e não de profanos que, embora cultos, expressam às vezes uma verdadeira adoração, assaz ridícula, por tudo o que cheira a científico. Pelo contrário o médico, especialmente se cristão, que se baseia no próprio pensamento científico, deve usar, em todos os casos, de prudência e de moderação, pensando que nem tudo aquilo que é descoberto e que cada dia surge à luz do sol terá vida longa — seja que se trate de novos tratamentos específicos, que como tal interessam principalmente ao médico de profissão, seja que se trate de teorias gerais no campo médico ou não.

Afirmemos tranqüilamente: quanto maior fôr o estardalhaço da propaganda e a publicidade, tanto maior deve ser a nossa prudência e a nossa reserva.

Quem séria e tranqüilamente se aplica ao seu trabalho, e ao mesmo tempo científica e conscienciosamente, sabe também avaliar o trabalho dos colegas e ver o que é que se esconde por detrás do exagêro do reclame, assim como identificar os

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

pontos fracos e descobrir a pequenina semente de verdade que merece desenvolver-se. Para não ficar perplexo diante de certas novidades, deverá sempre mais habituar-se a pensar clara e pacientemente, pois de semelhantes teorias nascem, às vêzes, correntes que arrastam os espíritos a coisas prejudiciais quer debaixo do ponto de vista científico quer do moral. Já mais de uma vez certas pessoas reinaram por algum tempo, aplaudidas de todos; e depois, mostrando-se os seus erros e a sua incompatibilidade com a doutrina católica, as respostas que davam eram bem pouco científicas; ora, com o andar do tempo a conclusão de tudo era que acabavam tais teorias por ser atacadas por sérios e conscienciosos cientistas católicos, sendo então, quando já em muitas mentes se haviam tornado axiomas, demonstrados os seus erros e lacunas e, depressa, completamente destruídas. Assim também devemos considerar as teorias modernas que direta ou indiretamente influem sôbre os tratamentos médicos, devendo-nos manter na comparação dessas teorias em atitude prudente, procurando conhecê-las com tôda a clareza.

Há médicos que são inteiramente contrários à ciência e que a desprezam. Dentre êstes não se encontram de certo os grandes pensadores, mas êste niilismo moderno representa atualmente um grave perigo, seja para cada doente em particular seja para a saúde pública em geral, uma vez que

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

outra coisa não é que o desprêzo de tudo quanto tende à verdade, que é a mais nobre conquista humana.

A verdade eterna é o mesmo Deus e desta procede êsse feixe de raios que nós chamamos ciência, — de Deus, digo, procede e para Deus retorna. Seguindo a êstes raios é que nós vamos ao encontro da verdade. E quanto mais sincera e perfeitamente trilhamos êste caminho e mais nos aproximamos do seu ponto de convergência, tanto menor será a dispersão e tanto mais claramente poderemos ter a visão do conjunto, o parentesco de tôdas as ciências entre si. Então perceberá o homem sempre mais a sua pequenez, e inclinará a sua cabeça perante a magnificência do Eterno, que se lhe mostrará como por detrás de um cristal e, não obstante em enigma, mais distintamente o reconhecerá, como a origem de todos os acontecimentos dêste mundo.

Esta é a pesquisa e a indagação da verdade no seu mais puro e nobre sentido. E o médico católico jamais poderá desprezá-la, se não quiser fazer partido comum com os ignorantes. A culpa, porém, dessas falsas concepções recai muitas vêzes sôbre aquêles que cultivam as investigações científicas por uma falsa concepção do seu trabalho, ou então por um errôneo juízo do valor de suas pessoas. Exercendo assim a sua influência sôbre os circunstantes, para quem deveriam

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

ser guias, dão ocasião quer à refutação de sua parte, quer a uma exagerada valorização do seu trabalho.

Não é êste o lugar para uma completa crítica das atividades científicas dos nossos tempos. Também aqui se pode dizer que a melhor crítica é fazer melhor — e não é pouco fazer melhor no campo médico. Eis, finalmente, a incumbência do médico católico no campo das pesquisas.

Quem se interessa pela literatura médica e não se contenta com folhear apenas um dêsses numerosos periódicos que há por aí, há de pasmar diante da superficialidade de muitos trabalhos incompletos que, cientificamente, descem a bem baixo nível; também aqui estamos diante de uma das manifestações da época.

Já dissemos que a atividade científica não deve ser fim de si mesma nem deve tender a escopos diversos dos que indicamos, isto é, a pesquisas para o bem dos sãos e dos doentes. Se, pelo contrário, se visam outros escopos, tal como rápido enriquecimento, graus acadêmicos, etc., quando se é inspirado sòmente pelo egoísmo, então não haverá outra preocupação fora da de fazer muito e depressa, de acumular as páginas destinadas ao prelo, e então se verifica, também, que tais trabalhos não têm sério fundamento, que corresponda aos métodos biológicos e químicos com que se deveriam conformar. Uma tal atividade é de todo

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

contrária ao espírito da nossa profissão e a tôdas as nossas responsabilidades, pois o nosso dever é sòmente fazer conhecer aquelas teorias e aquelas descobertas que gozam de bases conscienciosamente provadas e que dão garantias de verdade. Evidentemente que não é infalibilidade no trabalho científico que de nós se espera, pois tal coisa é inexistente. Mas uma reta conscienciosidade, nos limites do possível, deve-se exigir do cientista cristão, uma vez que dêle pode depender mesmo a vida do homem. Sôbre a liceidade das experiências com o homem, muito haveria que dizer, mas aquí nos devemos limitar a poucas indicações dentre as mais importantes. É êrro condenar sem mais tôda e qualquer experiência no homem, assim como também tudo autorizar sem discernimento. O que se deve sobretudo considerar é a personalidade do cientista. Um diretor conscencioso não permitirá aos seus assistentes certas brincadeiras pseudo-científicas que inùtilmente molestam o doente e que até lhe podem causar dano, sem que por outra parte se possa esperar alguma notável aquisição para a ciência.

Mas em se tratando de médicos experimentados quer na cura dos doentes, quer no uso dos métodos químicos e biológicos, e mais ainda quando a solução de uma questão qualquer pode ter influência benéfica ou nociva sôbre muitos, então não é o caso de permanecer na indecisão. É lícito

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

passar a agir sôbre os doentes, desde que, porém, se tenha a íntima convicção de que o tratamento não lhe venha causar algum sério prejuízo. Muitos caminhos há intermediários entre êstes pontos extremos, devendo a sua escolha ser entregue à experiência médica e a uma reta consciência. Muito variadas são as experiências; podem ir desde a simples e inócua extração de algumas gotas de sangue para a análise, até ao uso de remédios que ainda não foram bastante experimentados em animais. Já observamos como a menor intervenção operatória em homens sòmente *experimenti causa* está proibida pelo quinto mandamento e pela moral natural.

Não é fora de propósito notar que as experiências no próprio corpo sòmente são permitidas no caso de não serem contrárias à moral, como, por exemplo, as que implicam mutilações e que podem ocasionar ainda outros graves danos. Ajuntemos, entretanto, que as experiências nos órgãos sexuais de pessoas vivas, especialmente homens, a menos que se trate de remédios conhecidos, ultrapassam os limites do que é moralmente permitido; o mesmo se diga das experiências psíco-analíticas que dizem respeito à sexualidade.

O respeito que se deve ao doente, ou melhor, a todo homem, impõe ao estudioso reflexão, gravidade e alto senso da própria responsabilidade;

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

sòmente assim poderá o seu trabalho ter aquêle verdadeiro valor que é lícito pretender e esperar.

Uma palavra sôbre as experiências que se fazem em animais. Sòmente são moralmente justificadas quando conduzem à solução de problemas importantes para o homem, e quando se elimina o sofrimento; nunca, porém, por simples demonstrações ou passatempos científicos. É, com efeito, o animal também uma criatura de Deus, e como tal deve ser tratado, como nos ensina a Sagrada Escritura.

Uma segunda observação a fazer é, como dizíamos há pouco, sôbre o falso juízo de si mesmo por parte do cientista. Os mais insignes descobridores, verdadeiros benfeitores da humanidade, foram em geral homens humildes, pois quanto mais se sabe mais se conhece quanto falta ainda por saber. Mas os que pensam que com uma só palavra sua podem explicar todos os mistérios do universo, não passam de charlatães; êsses não duram mais que um dia, continuando depois o mundo com todos os seus mistérios. Raramente se houve de atribuir graves danos a uma demasiada humildade. Mas muitos danos tem causado a soberba confiança em si mesmo e nas próprias descobertas. Isto pode acontecer também nos outros ramos do saber; mas em se tratando de medicina nunca é demais recomendar prudência e humildade cristã, e isto não sòmente porque o mesmo

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

cientista pode cair em graves erros, mas também porque pode arrastar a outros, com dano da humanidade. Um tal cientista danifica ainda a mesma ciência induzindo-a a campos de conhecimento falsos e desonrando-a aos olhos dos profanos.

Se as pesquisas científicas representam grave responsabilidade perante Deus, ainda mais graves são as suas responsabilidades quando dizem respeito ao ensino acadêmico. Isto, que pode parecer um ramo secundário da atividade medica profissional, tem, muito pelo contrário, uma grande importância, uma vez que deve oferecer aos estudantes todos os meios necessários para o futuro exercício da profissão médica. Eis-nos, portanto, a lançar luz, em sentido cristão, sôbre a essência e o escopo do ensino universitário e sôbre o que incumbe aos docentes. Tudo isto, porém, depende das especiais formas que assume a organização universitária, as quais nos últimos tempos se têm revestido de bem maior importância. Muito se fala, hoje em dia, da educação do estudante por meio da mesma universidade. Mas se o que se entende por educação é exercício, prática, não há quem não veja ser isto contrário ao espírito da *Universitas Litterarum* e como se sufoca assim e se vicia a sua antiga e especial função. Esperemos que êste novo conceito, que surgiu ao dépois dessa exagerada organização das escolas superio-

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

res, ceda em breve o seu lugar a uma concepção mais espiritual.

Com efeito, é essência e escopo da universidade a transmissão de ideais superiores, e a êste conceito genérico se segue tudo o mais. Assim compreendido, é por si mesmo educativo o ensino acadêmico.

* * *

Ora, consideremos agora o ensino cristão, falando, naturalmente, do docente na Faculdade de Medicina.

Já tratamos da particular conscienciosidade necessária ao mestre que deve preparar o estudante a uma alta missão, em que terá em mãos vidas humanas. Deverá, enquanto lhe fôr possível, tratar de assuntos reais, e sòmente dos que conseguem foros de certeza debaixo do ponto de vista médico, assim como ensinar o caminho para conseguir maior clareza sôbre o assunto; será escopo do seu ensino tudo quanto é necessário, útil e desejável para os seus alunos, deixando de lado unilaterais supervalorizações de determinados ramos científicos, e principalmente do que tem conexão com o seu especial campo de pesquisa, pois isto perturbaria o estudante na sua visão de conjunto, e impediria a completa formação que lhe é necessária. Esta prudente reserva abrange aquela

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

modéstia cristã recomendada ao cientista e que é filha do conceito da pequenez de tudo o que sabemos! Guardar-se-á bem o mestre de superficialidades assim como de fazer as suas preleções sòmente por hábito ou porque é chegada a hora de sua aula; compenetrar-se-á da sua função e do seu dever, que é de ensinar a jovens que se dedicarão ao tratamento da humanidade que padece. Por detrás de seus alunos deve enxergar os pobres doentes e o próprio Deus. Também a êle é que foi dito: "O que fizerdes ao menor dentre os meus irmãos, a mim o tereis feito".

Deve o professor dar tudo o que pode, também procurar obter dos estudantes o maior aproveitamento, o que não é possível sem contato individual com êles. Isto não deixa de ser problemático nas universidades de freqüência elevada. Mas se tal coisa é impossível a um docente de uma das cadeiras principais, poderá ser praticável para o assistente que, nas repetições, nos exercícios, na prática clínica, etc., tem a seu cargo número menor de estudantes. Nem todo aquêle que ensina é dotado de qualidades pedagógicas, mas o docente cristão deve pelo menos possuir o senso de sua responsabilidade assim como aquela boa vontade que tanta outra coisa pode suprir.

O contato individual com o estudante estimula ao trabalho, tendo assim valor educativo; ensina-lhe a pensar, a empregar bem as suas faculda-

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

des, a sua agilidade, e o encoraja a um trabalho diligente. Mas isto não é tudo. A universidade, diferindo nisto do curso fundamental, subministra um ensino científico; mas êste ensino, na faculdade de medicina, correspondentemente com as necessidades dos tempos, que são mudados, se tornou como um programa esquemático em que sòmente hipotéticamente se pode falar em liberdade de ensino e de estudo conforme o seu antigo conceito.

Debaixo da rigidez do esquema sofre aqui a espiritualidade como em qualquer outra disciplina, já não correspondendo ao que nos tinhamos proposto nesta obra, a saber, a formação da personalidade do médico catédratico, que deve encontrar o seu desenvolvimento durante os anos de universidade.

É dever do docente cristão compensar, quanto lhe fôr possível, as deficiências do programa. Pode, efetivamente, com êsse poucochinho de liberdade que ainda lhe deixam, preparar a sua lição e apresentá-la como melhor lhe parecer e como julgar mais justo! Ao invés de expor simplesmente o seu tema de modo unilateral e tão rigorosamente adstrito à matéria que lhe não transponha os limites, poderá iluminá-lo com a concepção filosófica e metafísica da correlação de tôdas as coisas na ordem natural e na sobrenatural.

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Mas é tempo de pararmos aqui um pouco e perguntar-nos: "até que ponto será isso possível nas nossas universidades, freqüentadas, como são, por estudantes dos mais diversos credos religiosos?"

Enquanto existir liberdade de ensino sempre será possível, uma vez que os mesmos direitos são garantidos a todos. O docente católico tem a liberdade e o direito e, em conseqüência, também o dever de expor as suas matérias de acôrdo com as suas convicções. Há de dar às lições teóricas a orientação que julgar necessária e útil à formação do futuro médico cristão, e mostrará nas lições práticas, com o seu exemplo, qual deve ser o médico digno dêsse nome. Há de ser o seu comportamento perante os doentes sempre irrepreensível. E não só. Há de ser exemplar na lição, quer junto ao leito do paciente quer fora dali, indiretamente, com seus conselhos aos jovens médicos e aos assistentes.

Muitas vêzes o docente católico, no pleno sentido dessa palavra, (e não simplesmente porque batizado no rito católico) se achará isolado, e sentirá que o programa de ensino não é suficiente para o escopo visado.

Foi por tal motivo que nasceram as aspirações à existência de universidades católicas e faculdades de medicina católicas. Não porque haja doenças católicas, protestantes ou judias, como por aí

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

se diz irônicamente; mas sim (para responder ao pé da letra) porque há um modo moral e um modo imoral de ensinar a ginecologia e as curas sexuais, e ainda, especialmente, porque o jovem católico tem o direito de ser instruído e aperfeiçoado segundo o próprio sentir espiritual assim como o de ser conduzido àqueles tesouros cristãos de saber que de outra forma não poderia conseguir, a não ser, na melhor das hipóteses, com grande fadiga e dificuldade.

Tenha sempre presente o médico católico, como docente universitário, a sua grande responsabilidade; não sòmente deve insistir no próprio aperfeiçoamento, mas deve ajudar os seus moços a formar-se para a nobre profissão de médicos católicos. Tenha, por conseguinte, as suas vistas no seu Modêlo, Jesus Cristo, divino Médico, que foi também o maior Mestre de todos os tempos.

2. O Médico Missionário.

Lancemos mais um olhar — pela última vez — a esta figura ideal que se nos mostra em Cristo, isto é à vocação do médico qual refração e projeção da luz divina contida na missão do Salvador. Todo médico que procura realizar em si essa sublime figura e com ela conformar a própria personalidade, pode conseguir uma perfeição subje-

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

tiva; mas nesta vocação, como em muitas outras, existem caminhos mais elevados, metas mais sublimes, ricas de maior perfeição.

Falamos da vocação a médico missionário. Esta, como qualquer outra vocação especial, se manifesta por adequados sinais interiores, presentes no campo geral da vocação profissional, e exige uma particular formação em relação aos especiais aspectos da missão típica do próprio Cristo.

São os seguintes os sinais que indicam a vocação a médico missionário: caridade para com o próximo, por amor de sua alma, e exercício da medicina de todo desinteressado, ùnicamente com o móvel da caridade cristã. São estas as qualidades que irradiam uma beleza tôda divina da atividade de Cristo, Médico do corpo e da alma.

A figura do médico missionário que, cabalmente, sòmente em nossos dias se mostra em sua plena e justa luz, não é, entretanto, nova em si mesma, remontando aos primeiros tempos do cristianismo: remonta aos diáconos da Igreja primitiva e aos 72 discípulos que foram enviados por Cristo com a ordem de pregar o Evangelho e de curar os doentes. Sempre é o mesmo móvel de ação: pôr meio das obras de caridade tornar presente, como que incorporar o Cristo, cuja vida terrena foi tôda um tecido de amor operante, assim como revivê-la em si mesmo por aquêles que ainda

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

O não conheciam e para levá-los a Êle, assim operando a sua salvação.

Entretanto, sòmente se de todo desinteressado é que poderá êste amor ser verdadeiramente vivido e como tal compreendido dos outros: o pobre, o doente, o abandonado, devem notar que é sòmente por amor que êles são procurados, isto é, por amor dêles mesmos e dAquele que é fonte de todo o amor.

Foi assim que desde o princípio a piedade cristã acompanhou por tôda parte o anúncio da "boa nova", o Evangelho, sempre se ocupando dos doentes. Ora são os beneditinos da mais antiga idade média, monges e médicos nas florestas da Germânia; ora os primeiros franciscanos, munindo-se de primitivos e populares métodos curativos e assim partindo a evangelizar a Ásia; ora são os doutos jesuítas que descobrem na América a casca da quina e que a levam para a Europa e para a Ásia, tornando assim benévolo ao cristianismo um trono imperial; em tôda parte é a caridade ao serviço dos doentes, é o trabalho inicial para a salvação das almas, para a introdução da civilização cristã nos povos pagãos do mundo.

Relativamente tarde se destaca a profissão médica pròpriamente dita, no campo missionário, da personalidade do sacerdote. A necessidade de conhecimentos e adestramentos específicos e a consideração de que não era possível exigir uma tal coisa de quem devia empregar tôdas as suas

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

fôrças na parte mais essencial da sua missão, levaram à requisição de médicos como auxiliares no trabalho missionário.

Desde êsse momento se fixaram as características particulares que deviam diferençar o médico missionário dos seus colegas de profissão; e é assim que como complemento e maior nobilitação do médico católico, indicamos tais sinais, assim como as necessárias qualidades e habilidades do médico missionário. Em poucas palavras se pode expressar a essência desta particular vocação: "o médico que entra por tal caminho não é um médico em missão, mas sim um médico missionário". Por outras palavras, não é um simples adido da missão com a incumbência de curar os doentes do distrito, tal como faz o médico que exerce a sua profissão em terras de fiéis, mas representa uma parte viva e importante de um trabalho de conjunto, qual o trabalho do missionário. A atividade médica em missão deve ser por isto subordinada à atividade geral como a parte é subordinada ao todo, e o pensamento diretivo deve ser para a sua parte o pensamento missionário, a saber: ganhar almas para Jesus Cristo, banhando-as de luz divina. Inteiramente, irrestritamente deve a atividade do missionário visar êste escopo. A sua voluntária e amorosa solicitude para com os indígenas doentes, em horríveis condições higiênicas e sociais, e sem absolutamente nenhuma assistência médica por

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

léguas e léguas de território, depressa ganha a confiança da população, confiança que, de princípio, visa sòmente a pessoa do médico. Está êste, assim, em condições de subministrar melhores e mais completos auxílios e pode desenvolver uma perfeita atividade sanativa, mesmo em condições pouco favoráveis. Começa então o indígena a compreender, a ver no médico um amigo, um salvador, ou mesmo aquilo que verdadeiramente é: um cristão que recebeu de Deus o encargo de curá-lo a êle, pobrezinho, e de amá-lo. Assim abre o médico ao missionário o caminho, e êste poderá então entrar em contato com a alma do indígena. É êste o ponto de vista de que se deve considerar o trabalho do médico missionário. Nunca deixará de mostrar, ao mesmo tempo em que trata do doente, o porquê e por amor de quem o faz, a saber, pelo seu Deus, e para servir a êste Senhor Supremo. Deve mostrar ao indígena, na mesma conduta individual, como é que deve ser o verdadeiro cristão, aquêle de quem falava o Senhor quando disse: "Por isto reconhecerão que sois meus discípulos..." É, entretanto, evidente que o médico missionário deve ser um cristão exemplar, e isto não sòmente em sua atividade profissional, mas também em tôda a sua vida particular, uma vez que esta, na missão, se processa aos olhos de todo o mundo. Por isto deve esforçar-se mais que qualquer outro médico para imitar o divino

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Médico, Jesus, e mais que qualquer outro cristão deve mostrar na sua vida cotidiana que é um verdadeiro discípulo de Jesus Cristo. Ora, dos ambientes médico-missionários nos chegam vozes que nos dizem que esta missão deveria ser completa e perfeita sòmente do ponto de vista dos conselhos evangélicos; dêsses conselhos para chegar à mais alta perfeição, que o Senhor deu àqueles que "desde a sua juventude", ou seja, fundamentalmente, já observam os mandamentos e que aspiram a um voluntário *para mais alto.* São os conselhos de pobreza, castidade e obediência. E, de fato, a vocação de médico missionário sòmente pode ser exercida de modo perfeito, quando se vive ao menos segundo o espírito dêsses conselhos.

Exercita-se o médico no espírito de pobreza recebendo da missão a que pertence, tal como o monge o recebe de sua ordem, aquilo a que tem direito para a sua manutenção; naturalmente de modo adequado às circunstâncias. Mas bem mais pode e deve fazer espontâneamente, a saber, empregando em ajudar os pobres e o grande escopo da missão o que ganha em sua atividade particular e no tratamento dos ricos da missão.

Deve, no matrimônio, manter o espírito de castidade conforme o seu estado, se fôr casado; podendo assim dar aos indígenas um bom exemplo ainda mais notável. Se não é casado, maior obrigação ainda tem de dá-lo com a absoluta pu-

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

reza do seu modo de viver. Fala-se e ainda muito se falará do celibato em médicos missionários. Mas neste caso é preciso fazer uma distinção entre o médico e a médica missionária. Enquanto para o primeiro o celibato é sòmente uma certa facilitação e desembaraço, pois assim pode dar-se corpo e alma, sòzinho, ao seu trabalho; é para a médica uma necessidade, pois as obrigações de mãe lhe poderiam ser obstáculo ao exercício de sua profissão. Por outra parte o celibato é para o homem uma carga tão pesada que não se pode, sem votos, exigir por muito tempo, nem sem consagração sacramental e sem vida de comunidade. Ainda não contamos com a experiência de médicas missionárias casadas. Em todo caso se pode dizer que o celibato para um médico e para uma médica missionários é um estado de vida mais ideal e mais correspondente ao escopo, se é que o sabem manter, pois permite a sua total dedicação à missão.

Vive em espírito de obediência o médico que submete a sua atividade profissional a um escopo mais alto, uma vez que êle próprio está subordinado ao superior da missão, que deve fixar o campo da sua atividade. Dá-lhe isto ocasião de renunciar aos próprios desejos, e até à própria perspicácia para servir aos interêsses superiores.

É igualmente claro que, se esta concepção da vocação do médico missionário o coloca quase que

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

no mesmo plano da vocação religiosa, deve a vocação interior de quem a isto se quer dedicar, trazer um caráter especial em confronto com a vocação do simples médico. Tal como para a vocação religiosa, se requer também aquí um escrupuloso exame diante do Senhor para conhecer se se tem os dotes necessários, quer físicos quer espirituais, ou por outras, para saber se é êste o caminho que lhe assinou a divina Providência.

Entre os dotes naturais que tornam médico e médica missionários adequados à sua vocação, está uma boa saúde física. Quem a não possui não pode de forma nenhuma seguir uma tal vocação, pois o cuidado do próprio corpo, que é também uma obrigação, está em contradição com os trabalhos e perigos que tem de enfrentar e para arcar com os quais não possui absolutamente capacidade. Em tais condições só poderá ser de pêso e de dano à missão. A capacidade e os dotes intelectuais que são em geral necessários ao médico deve ter um ponto de apoio em uma mais forte capacidade — prudente, segura, e, acima de tudo e em tôda parte, independente no pensar e no agir. Não poderá faltar ainda uma predisposição científica, uma vez que nas terras de além-mar e nos trópicos muito há ainda que fazer no campo médico, científico, etnográfico e cultural, que pode ser de muita vantagem ao escopo superior, ao pensamento missionário,

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Entre os dotes espirituais indispensáveis ao médico missionário tem o primeiro lugar um acentuado espírito de renúncia e de sacrifício, uma verdadeira vontade de abnegação, uma vez que, de envolta com os seus belos aspetos encontram-se nas missões numerosas privações e sacrifícios. É necessário, pois, que o médico possua fôrça e tenacidade de caráter para que possa saber vencer tôdas as dificuldades e contradições em nome do seu alto escopo, armado de todos os meios que a prudência e a fortaleza cristã põem à sua disposição. O que, porém, acima de tudo, deve informar a sua atividade é um grande amor e uma operosa compaixão para com o doente, virtude esta que ainda mais é necessária a êle que ao médico europeu.

Determinando-se a tomar a si esta especial missão, deve ser guiado por reta intenção e conhecer bem o seu escopo. Não há de ser a sua determinação motivada nem pelo número excessivo de médicos, nem pela pouca probabilidade de carreira em sua pátria e nem tão pouco pelo desejo de fugir o mundo ou qualquer desengano que tenha sofrido. Podem estas circunstâncias ter papel indicador, pois delas se serve a Providência para mostrar o caminho, mas de forma nenhuma devem ser o móvel principal da escolha. Deus deve ser o principal móvel — Deus ùnicamente — assim como o desejo de uma mais alta perfeição no ser-

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

viço dos doentes. Isto porque o médico missionário tem, mais que qualquer outro médico, diante de si o seu doente, tal como êle realmente é diante do próprio Deus, e tal como Jesus, Médico divino, o visa: um composto de alma e corpo, formado à imagem de Deus e no qual a alma é *essentia* e o corpo sòmente *accidens*.

O cuidado da parte corporal dêste composto deve ser, para o médico missionário, um caminho para a salvação da parte espiritual; vemos assim que a sua missão tem mais estreita relação com a especial e verdadeira missão de Cristo, essa missão salvífica de que a profissão médica é como que um raio. E eis a razão por que não têm cabimento aqui motivos puramente humanos, que em outras questões podem ter o seu valor; uma coisa sòmente há a considerar: perfeita e retilínea intenção de copiar em si o ideal, que é Cristo Nosso Senhor, Salvador das almas, por meio da cura dos corpos. Lembre-se o médico missionário da severa palavra do Apostolo: "... se não tenho a caridade... nada sou."

Seria êle sem um tal amor, menos ainda que qualquer dos seus semelhantes, seria uma imagem deformada, que tanto mais feia se mostra quanto mais bela deveria ser. Pelo contrário êle é, neste amor, nobre e elevado; será êste amor o raio de luz em que se levantará diretamente à meta que nos é assinada a todos nós — a própria e cabal

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

realização em Deus — acima de tôda beleza e de tôda dor, de tôda alegria e de todo sofrimento de sua vida quotidiana — que é mais nobre e ao mesmo tempo mais fatigante que qualquer outra, — até que as tristezas desta terra de todo para êle se desfaçam. Chamado a tão alta missão tem, consequentemente, também, uma alta responsabilidade perante os homens e suas almas, assim como perante a sua própria consciência, uma vez que deve realizar em si a personalidade de Cristo Médico. Profundamente compenetrado da elevação a que se guinda na própria profissão, deve saber o médico missionário que está radicado no *Corpus Christi mysticum*: com humildade, então, irá saciar-se à fonte dos Sacramentos que são o alimento das almas sadias e robustas. Sobretudo há de reconhecer que não é êle que faz partes de quem dá, quando trabalha na vinha do Senhor, mas sim Deus: humildemente confesse que muito deve ao Senhor, que lhe deu o poder de trabalhar assim na sua vinha. Para êle, mais que para os outros médicos, está escrito no sagrado Evangelho:

"Não fostes vós que me escolhestes a Mim, mas fui Eu que vos escolhí a vós."

Quem tem ouvidos de ouvir que o ouça!

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

SUMÁRIO

Prefácio de Fr. Agostinho Gemelli, O.F.M. 5

Capítulo I

A PERSONALIDADE

1. Personalidade e Vocação 9
2. Cristo e nós 14
3. Jesus Salvador e Médico 21
4. Mestre e Discípulos 32

Capítulo II

A FORMAÇÃO

1. Escolha da Profissão 56
2. Trabalho de Formação 71
3. Passagem à Maturidade 84
4. A Vida 89

Capítulo III

CAMINHOS E FINS MAIS ELEVADOS

1. As Pesquisas e o Ensino Universitário 111
2. O Médico Missionário 124

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br

★ Êste livro foi composto e impresso nas oficinas da Emprêsa Gráfica da "Revista dos Tribunais" Ltda., à rua Conde de Sarzedas, 38, S. Paulo, para a Editôra Vozes Limitada em janeiro de 1945. ★

https://alexandriacatolica.blogspot.com.br